

322 a 4



DPC 939 A.1



BY MALBY, OXFORD





OS  
VILHANCICOS

: Separata dos "ESTUDOS,"  
— revista mensal do C. A. D.  
C. de Coimbra — 1923 : : :

Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa

XXIII

---

# OS VILHANCICOS

BREVE ESTUDO BIBLIOGRÁFICO-CRÍTICO DUM GÉNERO LITERÁRIO,  
QUE DESAPARECEU HÁ DUZENTOS ANOS

POR

MENDES DOS REMEDIOS



“LVMEN”

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA  
LISBOA - PORTO - COIMBRA

—  
1923



---

Composto e impresso na Casa Tipográfica  
de Alves & Mourão — Coimbra, 1928

# OS VILHANCICOS

## I

**D**URANTE um século pouco mais ou menos — desde o primeiro quartel do XVII até o primeiro quartel do XVIII — cultivou-se em Portugal com verdadeira paixão, podia mesmo afirmar-se, com absorvente frenesi, um género simultâneamente literário e musical, que pertence hoje e desde há muito aos domínios da arqueologia, estando até prestes a desaparecer sem que dêle fique gravado, como convêm, o registo devido para os efeitos, pelo menos, do mero informe bibliográfico. (1)

---

(1) Veio-nos o nome de Espanha: «*Villancico, de villano, composicion poetica popular con estribillo, y especialmente la de un assunto religioso que se canta en las iglesias en Navidad y otras festividades*», lê-se na *Encicl. Española*. Os mesmos dizeres *mutatis mutandis* aparecem em todos os dicionários, quando não remetem simplesmente para *Vilancete*, que deve considerar-se diferente.

Quero referir-me aos Vilhancicos, breves composições destinadas a serem cantadas em solenidades religiosas, particularmente nas matinas do Natal e dos Reis e ainda nas festas de Nossa Senhora ou nas dos Santos a que a devoção popular prestava culto mais intenso e carinhoso — S. Vicente, por exemplo, o padroeiro de Lisboa, Santa Cecília, a advogada dos músicos, (1) S. Gonçalo, o bom casamenteiro, etc.

Poetas mais ou menos favorecidos — em regra, menos, — das esquivas Musas inspiradoras, compunham em vários metros e complicadas estâncias os trechos rebuscados, que algumas vezes êles próprios vestiam de sua música apropriada e que outras, e era o caso mais freqüente, passavam ao compositor, que ali deixaram o registo do seu saber e da sua mestria — fazendo-os cantar quer sòmente a vozes, quer com acompanhamento de instru-

---

(1) Santa Cecília teve Irmandade erecta em Lisboa attribuindo-se a sua fundação ao célebre Pedro Talesio, primeiro Mestre de Capela na Catedral de Granada e Professor de música na Universidade de Coimbra. Cfr. Sr. Joaquim de Vasconcelos, *Músicos Portugueses*, II, 192-194, onde escreve que existia uma Colecção completa dos Vilhancicos cantados em honra de Santa Cecília, sendo os primeiros de 1702 indo até 1722, sem interrupção. No mesmo logar transcreve uma pequena amostra dum Vilhancico para dar ao leitor «conhecimento da forma poética dêste género de composição sacra, já que infelizmente não podemos acompanhar o verso com a música correspondente».

mentos, sendo outros, o menor número, apenas em recitativo.

A nota mais simpática, que hoje conseguimos apreender em tam pequenos trechos, ressequidos pela acção do tempo e reduzidos ao quási total olvido em que se nos deparam, é o tal ou qual perfume rústico, ingénuo, simples, e até de quando em quando gracioso, que dêles se desprende como de pétalas de rosas aromáticas esquecidas numa antiga boceta violada pela nossa curiosidade.

De cunho essencialmente popular na sua estrutura e organização, prendendo-se por um élo longinquo aos mistérios e autos medievos, os Vilhancicos tambem conheceram a sua época de grandeza e se ornaram do nimbo aristocrático e cortesão, sendo de regra ouvirem-se nas festas palacianas, na Capela Real, em tempos de D. Pedro II e de D. João V cantados por artistas famosos nacionais e estrangeiros, escutando-se igualmente nas Catedrais, como na Sé Velha de Coimbra, em tempos dos Bispos D. João de Melo e D. António de Vasconcelos e Sousa, nas Igrejas conventuais, onde primavam organistas e cantochanistas famosos, e vindo, enfim, até às modestas igrejas parochiais e outras, onde concorria a multidão dos fieis para os ouvir com interêsse bem comprehensivel, pois lhes falavam ao sentimento e ao coração.

Como viviam ao calor da alma popular, logo morreram no dia em que letra e música já não satisfaziam os mais exigentes, e em que o teor dramático e teatral os apontou aos dirigentes da Igreja como impróprios dos lugares em que se desempenhavam.

E lentamente fôram morrendo até desaparecerem de todo em tempo ainda de D. João V, há precisamente duzentos anos <sup>(1)</sup>, o que nos sugeriu a idéa de fazer acêrca dêles circunstanciada notícia, preenchendo a lacuna da história literária existente e aproveitando o ensejo da fortuna, que nos trouxe à mão nada menos que quatro volumes tam raros, como preciosos, desta espécie.

Aí os temos agora petrificados na tristeza de pequenos folhetos amarelados e poeirentos sobre que passaram gerações indiferentes. Do carinho de outrora não conhecem hoje senão a indiscreção doentia, não deixará de haver quem diga, fatigante e inutil, anotará por ventura o maior número, de quem ainda sôbre êles se debruça com vária curiosidade nunca saciada.

Raros e pobres papeis tam frageis e tam esquecidos!

---

(1) Ernesto Vieira, *Diccionario Biographico de Musicos portugueses*, II, pg. 29, onde afirma que fôram proibidos em 1723 por ordem dêsse Monarca.

Como eu vos estimo sob êste pó de tantos séculos volvidos!

Como eu vos folheio com respeito, sobresaltado sempre que uma sigla despreocupada me indica a proveniência donde viestes, indignado contra quem já vos maltratou, baralhando-vos, truncando-vos, cortando-vos sacrilegamente as vossas páginas fatigantes, meio desfeitas pelo inexoravel dobar dos anos!

. . . . .  
Raros e pobres papeis tam frageis e tam esquecidos, sois um símbolo da vida. Flores, perfumes, cantos, toda a grandeza, todo o interêsse, reis, grandes, gente humilde — o que vos rodeou e fez amar — tudo passou ao tufão do tempo. Nada do que vos acarinhou subsiste. E foi ainda mercê do desprezo a que fostes votados que chegastes até nós, perdidos em esconsos e bolorentos escaninhos de velhos armários — pelo que vos posso estudar — profanando-vos, afinal, o silencio e o esquecimento.

## II

Para se avaliar da intensidade a que entre nós chegou o gôsto da pequena interessante composição bastará referir que no *Index da Li-*

*vraria de Musica de D. João IV*, publicado em Lisboa por Paulo Craesbeck em 1649 figuram para cima de dois mil Vilhancicos! (1)

Nos *Musicos Portugueses* do illustre Prof. Sr. Joaquim de Vasconcelos citam-se, entre outros, os nomes de Fr. Denis dos Anjos, Francisco Corrêa de Araújo, Fr. António de Belém, Fr. Estevão Botelho, Estevão de Brito, Fr. Manuel Cardoso, Nunes da Conceição, Pedro da Conceição, Fr. André da Costa, Sebastião da Costa, Fr. Felipe da Cruz, António de Oliveira, Pedro Sanches de Paredes, Domingos Nunes Pereira, António de Pina, Manuel de Pina, Fr. Manuel Pousão, João Lourenço ou João Soares Rebelo, Pedro Vaz Rêgo, Fr. António do Rosário, Francisco da Costa e Silva e ainda alguns mais que, por me parecerem mais notáveis, vou destacar e sam:

**CASTRO** — Manuel António Lobato de —, autor de *Vilhancicos que se cantaram na Sé Catedral do Pôrto em as Matinas e Festas da Gloriosa Virgem*

---

(1) Foi reeditado pelo sr. J. de Vasconcelos com aquele primor que sempre pôs em todas as suas publicações, em 1874, no Porto. Vêm aí mencionadas obras de Gabriel Dias, fr. Francisco de Santiago, Geri de Chersem, Mateos Romarim, João de Castro y Malagaray, de Estevão de Brito, Carlos Patiño, fr. Geronimo Gonçalves. Indicam-se os solenidades para que fôram escritas as musicas. Como se deixou perder tanta riqueza?

e *Martir S. Cecília. Coimbra, na Off. do R. Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712, in-12.*

**ELIAS** — Fr. Antão ou António de Santo — : era Carmelita, tendo passado a maior parte da sua vida no Brasil. Faleceu em 1748 deixando: *Vilhancicos do Natal, Reis, Santa Cecília e S. Vicente, a 2 côros com instrumentos.*

**FARIA** — Luís da Costa e —, natural da Guarda, onde nasceu a 14 de outubro de 1679. Registam-se dêle: *Villancicos que se cantaran con varios instrumentos el dia 22 de Enero de 1719 en los Maytines del glorioso y invicto Martyr S. Vicente, patron de ambas Lisboas en la Metropolitana Cathedral del Oriente, Lisboa, en la Imprenta de la Musica, 1819, in-8.º* Formavam oito Vilhancicos de vários metros.— *Villancicos que se cantaran el dia 22 de Enero de 1721, Lisboa, mesma data. Villancicos cantados el dia 22 de Enero de 1722, Lisboa;— Villancicos cantados el dia 22 de Enero de 1723, na mesma Igreja e pelo mesmo motivo.*

**FROVO** — João Alvares — de Lisboa, sobrinho do famoso e de tam discutida probidade Gaspar Alvares de Lousada, foi Capelão e Bibliotecário de D. João IV e faleceu em 1682. Há dêle — *Vilhancicos de diversas festividades, a 4, 6 e 8 vozes.*

**GLÓRIA** — Fr. Gabriel da —, da Ordem de S. Bernardo, cujo instituto professou em 1663. Temos dêle — *Vilhancicos para as festas de Christo, Nossa Senhora e Santos, que se celebram no Real Mosteiro de Alcobaça.*

**JERÓNIMO (S.)** — Fr. Francisco de —, Mestre da Capela do Mosteiro de Belém e natural de Evora. Professou a 25 de novembro de 1728 e escreveu: *Motetes e Vilhancicos para diversas ocasiões.*

**JESUS** — Fr. António de —, Trinitário, professor de música na Universidade até á sua morte em 1682. Há dêle — *Vilhancico á Natividade de Nossa Senhora.* A letra era de D. Francisco Manuel de Melo (*Obras Métricas, Avena de Terpsicore*, t. 26, pg. 70).

**MAGALHÃES** — Felipe de — dos fins do século XVI, foi Mestre da Capela da Misericórdia de Lisboa e depois da Capela Real. Conhecem-se dêle — *Vilhancicos da Natividade*, a 7 vozes.

**MELGAÇO** ou **MELGAZ** — Diogo Dias —, alentejano, de Cuba, foi Mestre da Capela da Cathedral de Evora; faleceu nesta cidade em 1700. Deixou — *Vilhancicos para as Festas de Christo, Nossa Senhora e varios Santos.*

**PINHO** — Manuel de — músico da Capela Real: *Villancicos y Romances a la Natividad del Niño Jesus, Nuestra Senora y varios Santos*, 1.<sup>a</sup> p., Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1615, 8.<sup>o</sup>; — *Villancicos y Romances*, 2.<sup>a</sup> p., ibid., 1618.

**ROCHA** — Fr. Francisco da — Monge da Ordem da S.S. Trindade, foi um talento prematuro, pois se afirma que aos onze anos já compunha notavelmente. Morreu em 1720, tendo deixado — *Diversos Vilhancicos*, a 4, 6 e 8 vozes.

**SANTIAGO** — Fr. Francisco de — Carmelita Descalço, Mestre das Catedrais espanholas de Plasencia e Sevilha, foi muito aceite a D. João IV. Faleceu em 1646. Restam — *Diversos Motetes e Vilhancicos do Natal, Sacramento, Nossa Senhora e Santos*.

**SANTOS** — Fr. Manuel dos —, de Lisboa, professo no Instituto de S. Paulo, falecido em 1737 — *Vilhancicos da Conceição, Natal e Reis*, a 8 vozes.

**SILVESTRE** — Gregório —, de Lisboa, onde nasceu em 1520, retirando-se muito novo para Espanha, onde viveu e veio a falecer em 1570. E' autor de vários Vilhancicos, que lhe crearam grande reputação de compositor.

Seriam êstes músicos também poetas ou, se se preferir, verzejadores? Além da parte

musical dever-se-lhes há attribuir igualmente a parte literária, melhor ou peor, enfim, consoante os méritos de cada qual? Para alguns o facto é fóra de dúvida. No *Catálogo* do rei D. João IV, atrás citado, lá apparecem os nomes de Fr. Francisco de Santiago e de Estevam de Brito, que vemos figurar por outro lado na *Biblioteca* de Barbosa Machado. Bastas vezes a letra não seria senão um mero pretexto para a composição artística, de simples solfejo, de instrumental ou canto. Era nesta que se pretendia revelar a posse da arte do órgam e do canto dando satisfação ao gôsto das multidões, que encontravam pábulo suficiente nas Ordens Religiosas, onde se fundou e desenvolveu a paixão pela música, muito antes de D. João V mandar vir da Itália numerosos cantores profissionais.

Claramente, as duas musas não eram incompatíveis e quando a História bibliográfica indica os nomes dos que neste campo renderam culto à poesia difficil é dizer se estes deixaram a outros a tarefa de criarem a música respectiva. Socorrendo-nos do trabalho do illustre Abade de Sever podemos apontar:

**ANJOS** — Fr. Dionisio dos — da Ordem de S. Jerónimo, cujo Instituto professou a 6 de Janeiro de 1656, vindo a falecer a 16 do mesmo mês de 1709. Exímio tocador de arpa e de viola. Foi

compositor de Vilhancicos que se conservavam com outras músicas no seu Convento de Belém.

**BRITO** — Estevam de — professor de música, mestre e Beneficiado na Catedral de Badajoz e de Malaga. Adquiriu fama em toda a Espanha pelo seu saber musical. Além de motetes escreveu: — *Vilhancicos de Navidad*.

**CARDOSO** — Fr. Manuel —, de Fronteira, no Alentejo, foi Mestre da Capela Real, benquisto de Felipe IV e depois de D. João IV, que lhe deu várias demonstrações de aprêço. Morreu a 24 de novembro de 1650 tendo deixado, entre muitos trabalhos: — Dous *Vilhancicos do Natal*, o 1.º a 3 vozes e o 2.º a 6.

**CARNEIRO** — Fr. Manuel — Carmelita, tendo professado a 20 de maio de 1645; foi insigne organista e deixou: — *Salmos, motetes e Vilhancicos a diversas vozes*.

**CONCEIÇÃO** — Fr. Felipe da —, de Lisboa, mas viveu em Castela, onde professou no Instituto de Nossa Senhora das Mercês. Na Real Bibliotheca de Música existiam dêle — *Vilhancicos do Sacramento e do Natal*.

**CONCEIÇÃO** — Fr. Pedro da — da Ordem da SS. Trindade, em que professou a 15 de outubro

de 1706. Faleceu aos 21 anos tendo deixado provas da precocidade do seu talento na *Música a 4 côros* para uma Comédia representada no Paço em aplauso da Rainha D. Mariana de Austria e, o que aqui nos importa, em — *Vilhancicos a 8, 4 e 3 vozes* para o Convento de Odivelas.

**CORREA** — Henrique Carlos —, de Lisboa, onde nasceu a 10 de fevereiro de 1680. A sua pericia musical levou o Bispo de Coimbra D. António de Sousa e Vasconcelos a chamá-lo para Mestre da sua Cathedral, donde passou para Lisboa. E' numerosa a bibliografia artística, que dêle cita Barbosa. Para nós basta-nos registrar — *Vilhancicos do Natal, festa dos Reis, Conceição, Sacramento, e outras festividades a 8. 6., 4., duo e solo.*

**COSTA** — Fr. André da — de Lisboa, religioso da Ordem da SS. Trindade, em que entrou a 3 de agosto de 1650. Foi notável compositor e insigne arpista, sendo músico da Capela Real em tempo de D. Afonso VI e D. Pedro II. Faleceu a 6 de julho de 1685. Das suas composições, que ficaram inéditas, faziam parte — *Vilhancicos da Conceição, Natal e Reis, a 4. 6. 8. e 12. vozes.*

**CRISTO** — Fr. Luis de —, Carmelita calçado, cujo

hábito vestiu a 18 de maio de 1641. Escreveu — Lições de *Defuntos, motetes e Vilhancicos*.

**JERÓNIMO** (S.) Fr. Francisco de — de Evora, do hábito de S. Jerónimo, ordem em que professou no Real Mosteiro de Belém a 25 de novembro de 1728. Aí foi mestre da Capela e para várias solenidades compôs — *Motes e Vilhancicos*, atrás também citado.

**LESBIO** — António Marques — Mestre da Capela Real eleito em 1698, favorecido com estimação especial por parte de D. Pedro II, D. Maria Sofia Isabel de Neoburgo e D. Catarina, rainha de Inglaterra. Faleceu em 1709. Foi membro da Academia dos Singulares em cujos dois tomos há obras suas em prosa e verso. Além dessas e doutras composições, que aqui nos não interessam, imprimiu — *Velhancicos que se cantarão na Igreja de Nossa Senhora da Nazareth das Religiosas Descalças de S. Bernardo em as Matinas e festa do glorioso S. Gonçalo. Lisboa, por Miguel Manescal, impressor do S. Ofício, 1708.* Verso e música é tudo seu. Sam oito composições. Ficaram inéditos muitos outros *Vilhancicos da Conceição, Natal, Reis, Sacramento e vários Santos* a duo, 3. 4. 6. 8. 11. e 12. vozes, que se conservavam na Biblioteca Real de Música.

O cunhado do autor Manuel de Sousa Pe-

reira, que foi Bibliotecário dessa Biblioteca, chegou a ter colleccionadas em volume as produções musicais dêste insigne Compositor, segundo afirma Barbosa Machado, que as viu.

**LUÍS** — Francisco — mestre da Catedral de Lisboa. Faleceu a 27 de Setembro de 1693. Escreveu, mas ficaram manuscritos, *Vilhancicos a diversas vozes*.

**MACHADO** — Manuel — figura no Catálogo de Craesbeck de 1645, além de outras composições musicais, com vários Vilhancicos.

**MORAIS** — João da Silva — notável professor de música na Capital, que vinculou o seu nome a numerosas composições, das quais mencionamos - seis *Vilhancicos a 8 vozes para a festa de Santa Cecília*; e *Vilhancicos do Natal a 4. e 5. vozes* e de outras festividades que, no dizer de Barbosa Machado, excediam o número de cinquenta.

**PAREDES** — Pedro Sanches de — notável Organista e não menos notável Compositor, como o demonstrou nos — *Vilhancicos para a noute do Natal*, que deixou à Igreja de Óbidos, de que era Beneficiado e que se perderam como tantos outros.

**PEREIRA** — Domingos Nunes — professor de música na Casa da Misericórdia de Lisboa, donde passou para a Catedral. Faleceu em 1729. Entre outras, deixou — *Vários motetes e Vilhancicos*, a 4. 6. e 8 vozes.

**POUSÃOS** — Fr. Manuel — alentejano, da vila do Landroal, eremita Augustiniano, tendo professado no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 16 de Maio de 1617. Faleceu em 1683 tendo deixado vários Vilhancicos, que faziam parte da Real Biblioteca de Música de Lisboa.

**REBELO** — João Soares ou João Lourenço — de Caminha, mestre da Real Capela e Professor do Duque de Bragança, depois D. João IV, que o tinha em tam elevada estima que lhe dedicou a *Defensa da musica moderna contra la errada opinion del obispo Cyrillo Franco*, que saiu em Lisboa em 1649. Faleceu em 1661. Entre várias composições deixou — *Vilhancicos a 4. 6. 8. e 12 vozes da Conceição, Natal e Reis*.

**REGO** — Pedro Vaz — alentejano, de Campo Maior, foi mestre da Capela em Evora, onde faleceu em 1736. Deixou — *Vilhancicos do Natal, Conceição, Epifania e a vários Santos*, em que era sua tanto a música, como a poesia.

**REIS** — Gaspar dos — foi mestre de música na igreja paroquial de S. Julião de Lisboa, donde passou para a de Braga. Compôs — *Missas, Salmos, Motetes e Vilhancicos a diversas vozes.*

**ROCHA** — Fr. Francisco da — professo da Ordem da SS. Trindade, a quem já nos referimos atrás, que Barbosa cita com numerosa bibliografia, interessando-nos aqui sòmente como autor de vários Vilhancicos.

**ROSÁRIO** — Fr. António do —, de Lisboa, onde nasceu a 20 de junho de 1682, da Ordem de S. Jerónimo, em que professou em 1702. Além de mais trabalhos musicais escreveu — *Vilhancicos, a 8. e a 4. vozes.*

**SANTOS** — Frei Manuel dos — organista famoso e compositor falecido em 1737. Deixou para se cantarem nas Matinas da Conceição, Natal e Reis — *Vários Vilhancicos a 8 vozes*, que também apontamos entre os músicos.

**SILVA** — Francisco da Costa e — mestre de musica na Cathedral de Lisboa. Faleceu a 11 de maio de 1727, tendo deixado — *Vilhancicos a S. Vicente e a Santa Cecília.*

### III

Há, repetimos, nomes, como acaba de lêr-se, que figuram na primeira como nesta segunda série — autores de Vilhancicos, *tout court*. Não admira. Nos Vilhancicos que nós estudámos, e de que passamos a apresentar uma notícia bibliográfica, não se nos depara nunca o nome do autor, nem da musica, nem do verso. E compreende-se. Os Vilhancicos constituíam uma espécie ligeira enquadrada num scenário mais amplo e de linhas mais vistosas. Apagavam-se, pois, sumiam-se, na sua pequenez. O que os seus autores pretendiam era preencher um número daquela espectacular representação eclesiástico-teatral desempenhada nas igrejas, quer da côrte e destinada a um pequeno escol da sociedade, quer do povo, para ser por todos ouvida e apreciada. Era um espectáculo para os olhos e para os ouvidos. A alma andaria longe. Mas que fazer? Era o jugo despótico da moda, era o gôsto doentio das diversões e das inovações. Afagava-se a sensualidade sob a côr dum misticismo, que tinha tudo de aparente e nada, positivamente, de real, nada que tocasse a espiritualidade, que erguesse nobre e dignamente os corações para Deus. Doíam-se as almas simples e bondosas, as que

aspiravam a impregnar-se do verdadeiro sentimento religioso. Bem reconheciam que a profanação invadira as portas dos templos assemelhando-os a circos ou a tabladros de ostentações mundanas.

O divino Menino Jesus, que teve sempre no seu *Natal* e na adoração dos *Reis Magos* o culto mais enternecido e popular era, sem dúvida, afinal, o mais profanado com tal ostentação, que mais parecia de autenticos entusiastas de Apolo e de Euterpe, que de adoradores do Verbo Encarnado, a Quem se prestasse veneração no seu mistério mais augusto.

E como não haviam as almas de admirável perfeição cristã, da têmpera da de Manuel Bernardes, a quem se deve a mais formosa, enternecida e poetica das invocações:

« Menino de minha alma, meo eterno nascido de inda agora, meo gracioso môlhinho de amores perfeitos, minhas belezas encantadoras do coração humano, faze-me serafim, para que te ame muito; dá-me limpeza grande em meos labios para calçar teos pèsinhos de mil osculos santos, deixa cair das conchinhas de teus olhos uma lágrima sobre meu peito para que se abrande e acenda em claridade divina!... »

como não haviam elas de contristar-se até à revolta perante tantas exterioridades sem significação, tantas profanações ostentosas, brilhantes, mas sêcas, sem o hálito bendito da fé interior?

Certo é que os Vilhancicos uma vez integrados no culto religioso rapidamente se desenvolveram descendo da Côrte até o povo, das Catedrais até ás humildes igrejas, sendo de crêr que na maioria dos casos se não fizesse mais que repetir o que já se praticava em épocas anteriores e em identicas solenidades.

A mesma música, portanto, e a mesma letra soariam de lés a lés de Portugal, onde houvesse função religiosa de tom.

Depois veio o silêncio e a morte. Por fim o esquecimento. E nem mesmo já os ecos dêsses Natais tam celebrados em descantes populares, que saíram dos templos para virem bracejar cá fora mais libérrimos, com seu cenário, sua indumentaria, sua dialogação típicos, logram quâse divisar-se, depois de se haverem refugiado, como que corridos pela vaga do chamado progresso, nos recônditos das mais humildes aldeias...

Passemos a apresentar uma nota dos Vilhancicos, que até agora conseguimos estudar. Examinemo-los primeiro no seu aspecto de curiosidade bibliográfica, antes de lhe devassarmos, por assim dizer, a alma, a psicologia.

E' o recheio de quatro interessantes volumes, que oferecemos ao leitor, dos quais destacaremos, em apêndice a êste trabalho, um, completo, para exemplificação do género. (1)

---

(1) Não haverá nas Bibliotecas do País materiais para aumentar a nossa colheita? Outros o dirão. Inocêncio no seu *Dic. Bibliogr.* cita: 1) *Vilhancicos que se cantaram na Capela do Príncipe D. João, Duque de Bragança, nosso Senhor. Évora, 1637.* Título, elucida o prestimoso investigador (VII. 450), transcrito do *Catálogo da Academia.* No tomo XX, 18, aponta mais: 2) *Vilhancicos que se cantaram na Real Capela do rei D. João IV, Lisboa, 1642.* E cita identicos de 1643, 1644, 1645, 1646 (dois). Outros contados na Capela Real no tempo de D. Afonso VI, sendo o 1.º de 1657 e o último de 1664; outros, em dois tomos, do tempo de D. Pedro II; outros num volume, do tempo de D. João V, sendo o último de 1720 (*Ob. e log. cit.*). Serão os mesmos ou alguns dos que descrevemos? O Sr. Prof. T. Braga dizendo que os Vilhancicos tiveram o seu desenvolvimento desde 1662 até 1715 afirma que «na Biblioteca da Universidade existe esta imponente colecção» *Hist. do Teatro Português no séc. XVIII*, Pôrto, 1871, pg. 327). Mas a colecção da Biblioteca de Coimbra é a que forma o tomo IV, que adeante descrevemos. E se é «imponente», o que não contestamos, como chamaremos á colecção acrescida de mais três tomos?

IV

A)

*Colecsam | De alguns Vilhancicos | compilados  
pela ordem | cronologica. Tomo I. que compreende  
os que se | cantaram na Capela Real | no governo  
do ser.º Rei | D. Pedro II. [Frontespicio ma-  
nuscrito] S. p., n. a.*

1 — Sem título. O índice menciona-o porém:  
*Matinas do Natal de 1659 (?)* (impresso em 1680).  
Principia — Vilhancico I.

Para remedial el hombre  
Nasce Dios en un Portal,  
Ya la noche de la culpa  
Destierra la oscuridad?

No *II Nocturno e Villancico IV* usa-se o por-  
tuguês:

Festejar o Deos Menino  
Madrugou a Primavera  
Com huma dança de flores  
Primor de toda a beleza...

E o *Estrilho*:

Á dança, á dança, flores  
Andai depressa,  
Porque he Sol o Minino,  
Que se festeja...

Tudo o mais em espanhol. Inumerado.

2. — *Villancicos que se contaram na Capella Real do Muito Alto, & muito Poderoso Principe D. Pedro Nosso Senhor nas Matinas, & Festa dos Reys. Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza. An. 1677.*

E' sem pag. Abre: *I Nocturno. Villancico I. Estribillo:*

Ha Serranitas hermosas,  
Lleguen, vengan a Belen...

Fecha com o *Villancico VIII, Estribillo e Endechas*, todos em portugûês. Aquele começa:

Meu belo nacido Infante,  
Melhor flor do Paraizo...

O *Estribillo:*

Quem ve o Portento  
O milagre, o prodigio,  
Que a terra faz ceo  
Ao mundo paraizo?...

E as *Endechas:*

Dizem que é vossa graça  
Mui roubadora...

3 — *Villancicos.. nas Matinas, & festas do Natal.. 1678. Inum. No 3.º Nocturno é em portugûês o Villancico VIII, que começa:*

Hoje meu Deos, meu Minino,  
Vos heide fallar de chança,  
Que hum Minino não quer veras,  
Mas hum Deos estima graças...

Pequeno *Estrilho* e *Endechas* igualmente em português, concluindo com *Missa* em espanhol.

4 — *Villancicos*.. nas *Matinas e Festas do Natal*.. 1680. Sem num. Logo o *Vilhan-cico III* do *I. Nocturno* é em português.

Fuy ver o Minino  
Nascido em Belen,  
Vede se estou bom,  
Ai, ai, que de amor chorei!...

E as *Coplas*

Minha sorte embora  
Mereça quando  
Vi o sol chorando,  
E rindo-se a Aurora...

No *III Nocturno* volta o português:

Num portal pobre em que os tempos  
Tantos annos sepultarão,  
Cujas ruinas publicação...

Com o *Estrilho*:

Se vos inclinai  
Meu sol, meu bem, meu Senhor,  
Ouvi-me hum pouco, calai...

E as *Endechas*:

Ouvi-me, belo Minino,  
Minha delicia, escutai...

5 — *Villancicos... nas Matinas, & Festa do Natal. 1681. E' todo em espanhol. 28 págs.*

6 — *Villancicos... nas Matinas, & Festa do Natal... Na Officina de Miguel Manescal, Impresor do Santo Officio, & da Serenissima Casa de Bragança. Anno M.DC.LXXXV.*

O *Villancico II do I Nocturno* começa:

Fuy ver a-hum Menino,  
E vi a hum Gigante...

*Estrilho e Coplas* igualmente em portugêes, que torna a empregar-se no *II Nocturno, Vilhancico IV*:

De noite á neve e despido  
Chorava amor em Belem...

Com *Estrilho e Coplas* e adeante o *Vilhancico VI* e seu *Estrilho*. 26 págs.

7 — *Villancicos... nas Matinas, & Festa do Natal... 1691. (Frontespicio ms.) 23 págs.* O *III Nocturno* abre com o *Vilhancico VII* sub-intitulado *Estrilho*:

Ao incêdio que em Belem  
Hoje se ateou nas palhas,  
Andai, acudi, pastores,  
Dos olhos, andai cõ agoa...

Seguido das *Coplas*:

Daquelle fogo invisivel,  
Que do peito amor lançou  
Huma fâisca pegou.—

8 — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal.. 1692.* Todo em espanhol. De 31 págs.

9 — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa dos Reis.. 1692.* Em espanhol. De 24 págs.

10 — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal.. 1693.* Em espanhol. 23 págs.

11 — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal. 1694..* De 23 págs. Quáse todo em espanhol. Só o *III Nocturno, Villancico VII*, traz o *Estrilho* em português:

Que quereis, Menino bello,  
Que chorais & padêceis?  
Mas já sei meu lindo Amante,  
Que chorais porque quereis...

Com as *Coplas*:

Esta amorosa fineza  
He desperdicio, meu bem ..

12 — *Villancicos.. nas Matinas, & festa do Natal..* De 31 págs., todo em espanhol. Tendo todas as características dos restantes é materialmente muito mais cuidado, sendo o papel muito bom e dourado por folhas. Termina com uma espécie estrófica, que ainda se não depa-rou — *Sacra*.

13 — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa do*

*Natal* . . 1699. De 23 págs., todo em espanhol. Também termina com uma *Sacra e Coplas*. Aqui termina o vol. I, seguindo-se um *Index* manuscrito.

## B)

*Coleçam | de alguns Vilhancicos | compilados pela ordem | cronologica. Tomo II. que comprehende os que | se cantaram na Capela Real | no Governo do Ser.º Rei | D. Joam V. [ Frontespicio manuscrito.]*

1 (14)— *Vilhancicos que se cantaram na Capella Real do muy Alto, e Muy poderoso Rey D. Joam V. N. Senhor nas Matinas, & Festa do Natal. Na officina de Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, & da Serenissima Casa de Bragança. Anno de 1707. Todo em espanhol, contém 22 págs. não apresentando novidade alguma sobre os anteriores. Tarjas, letras iniciais, culs-de-lampe sam os que o impressor Manescal usava na sua tipografia.*

2 (15)— *Vilhancicos. . nas Matinas & Festa dos Reys. . 1708 (Manuscrito). Em espanhol. Conta 22 págs., mas deve faltar-lhe uma fl. pelo menos, como o acusa o reclamo.*

3 (16)— *Vilhancicos. . nas Matinas, & Festa da Conceição. . 1708. Todo em espanhol, de 23*

págs. Primeiro e único desta solenidade neste vol., que só contém espécies relativas ao Natal e aos Reis.

4 (17)—*Villancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal.. 1710.* De 31 págs. Termina em português com o *Villancico VIII*:

Em dezembro mais alegre  
Que abril, e maio, porque  
O amor sem arco e sem venda,  
Triunfa eternamente neste mês...

O *Estrilho*:

Não tema rigores  
Da neve inclemente,  
A vontade ardente  
De eternos amores...

Um *Recitado*:

Prodigio raro de piedoso affecto  
Foi habitar o immenso humilde tecto.

e enfim uma *Aria*:

Seja decantada  
Tão alta mercê,  
Cante amor e fé  
A gloria humanada...

5 (18)—*Villancicos.. nas Matinas, & Festa dos Reis.. 1710.* Todo em espanhol, de 46 págs.

6 (19)— *Villancicos.. nas Matinas, & Festa dos Reis.. 1711.* De 31 págs. Em espanhol.

7 (20)— *Villancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal.. 1713.* De 30 págs. Espanhol tudo.

8 (21)— *Villancicos.. nas Matinas, & Festa dos Reys.. 1713.* 31 págs. Em espanhol.

Segue-se manuscrito o *Index*, como no volume anterior.

C)

*Coleçam | de alguns Villancicos | compilados pela ordem | cronológica. Tomo III. que comprehende os que | se cantaram nas Festas | da gloriosa S. Cecilia, | S. Vicente, S. Gonçalo, &. (Frontespicio manuscrito).*

1 (22)— *Villancicos que se cantaram na See de Lisboa em as Matinas, e Festa do glorioso, e invicto Martir Sam Vicente Na officina de Miguel Manescal, impressor do Santo Officio, anno de 1700.* De 30 págs., todo em espanhol.

2 (23)— *Villancicos.. em as Matinas, e Festa do.. Martir Sam Vicente.. 1701.* De 23 págs., todo em espanhol.

3 (24)— *Villancicos.. em as Matinas, e Festa*

do... *Martir Sam Vicente...* 1702. De 23 págs., em espanhol.

4 (25) — *Villancicos que se cantaram na S. Sé Metropolitana.. em as Matinas, & Festa do.. Martir S. Vicente..* 1709. 31 págs., em espanhol.

[*Oratorio que se canto con varios instrumentos en 22 de Enero: fiesta del Glorioso, Invicto, Martir, S. Vicente; Patron de ambas Lisboas: en la Metropolitana Cathedral del Oriente. Siendo Mayordomos los Senores, Deam Juan Cesar de Menezes; y Silvestre de Sousa Soares, Cauonigo da dicha Catredral; y sue Maestro de Capilla el Quartanario Francisco de Costa y Silva. Compuso la musica. Don Antonio Literes; musico de la Real Capilla de Madrid. Lisboa Occidental, en la imprenta de musica, ano 1720. Con licencia de los Superiores. E' todo em espanhol, de 23 págs. Para ser cantado a 8 vozes*].

5 (26) — *Villancicos que se cantaron con varios instrumentos el dia 21 de Enero en los Maytines del Glorioso, Invicto, Martyr S. Vicente.. siendo Mayordomos los Señores Dignidades Francisco Pery de Linde, Chantre, y Sebastian Estoff, Maestro Escuela, y Maestro de Capilla, el Quartanario Francisco de Costa y Silva. Compuso los metros Luis Calixto de Costa y Faria. Lisboa Occidental. En*

*la Imprenta de Musica. Año de 1723. Con licencia de los Superiores.*

No verso desta 1.<sup>a</sup> pág. do frontespicio indica os *Compositores de la Musica*, informação interessante, que a seguir reproduzimos :

- Vilhancico I. D. Francisco Joseph Coutino.
- 2 y 3. El Baron D. Emanuel de Astorga.
- 4. 5 y 7. D. Jayme de la Té y Sagáu.
- 6. y 8. El dicho Maestro Francisco de Costa y Silva.

No fim dos Vilhancicos seguir-se hia ainda um *Oratorio*. Contém 24 págs. todas em espanhol.

6 (27) — *Villancicos.. en los Maytines, y Fiesta del invicto Martyr San Vicente. En la Empronta de Miguel Manescal.. 30 págs., sem indicação do ano.*

Principia :

Rompa el silencio a la pereza obscura..

e continua todo em espanhol.

7 (28) — *Villancicos que se cantaran na Parochial de Santa Justa em as Matinas, e Festa da gloriosa S. Cecilia. Em Lisboa.. 1703. São 23 págs. em espanhol.*

8 (29) — *Villancicos.. em as Matinas, e Festa da.. Martir S. Cecilia.. 1704. 29 págs. As últimas em portugûês :*

VILHANCICO VIII

Quem quizer nestes aplauzos  
Solfas de amor aprender,  
Venha a correr;  
Que está Cecilia ensinando  
A solfa do bem querer,  
Venha a correr...

E acabando com *Estrivilho e Segundas Coplas*.

9 (30) — *Villancicos.. en los Maytines y Fiesta de la.. Martyr Santa Cecilia.. 1714. 30 págs. em espanhol.*

10 (31) — *Villancicos.. en los Maytines, y Fiesta de la.. Martyr S. Cecilia.. 1716. 29 págs. em espanhol.*

11 (32) — *Villancicos que se cantaram na Igreja de Nossa Senhora de Nazareth das Religiosas Delcalsas de S. Bernardo em as Matinas, y Festa do Glorioso S. Gonçalo.. Lisboa, 1710. 31 págs. Espanhol.*

12 (33) — *Villancicos que se cantaram em a Igreja do Convento da Esperança em a festa do Senhor S. Gonçalo. Lisboa.. 1712. (Em manuscrito). Em espanhol. 30 págs.*

O vol. fecha como os anteriores com o *Index* manuscrito da mesma pena, que redigiu os frontespicios.

D)

1 (34) — *Villancicos que se cantaram na Capella Real do Muito Alto, & muito poderoso Principe D. Pedro.. nas Matinas da Noite do Natal. Por Antonio Craesbeeck de Mello.. 1670. Portada interessante.*

Ao alto, manuscrita, a nota «*Bussaco Anno de 1781*», que indica certamente a proveniência do precioso volumezinho. Não está completo, tendo-se desastradamente repetido algumas fls. E' bilingue. No *Vilhancico III* o 1.º Nocturno começa:

1. Quen achou hum Minino,  
Que de amores anda perdido?
2. Que sinaes leva?
1. Vestido vai de encarnado...

a que se seguem *Coplas* tambem em portuguezs.

E' interessante o *Vilhancico VIII* do 3.º Nocturno. Não está pag.

2 (35) — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa da Conceição da Virgem S. N.; 1670. Mesma portada do anterior, igualmente sem pág. e incompleto, como vê pelo reclamo na última fl., todo em espanhol.*

3 (36) — *Villancicos.. nas Matinas da Noite dos Reys . 1671. Sam em portuguezs dois Vilhan-*



cicos do 2.<sup>o</sup> Nocturno. Sem pág. Mesma portada.

4 (37) — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa dos Reys, na Officina de Miguel Manescal.. M.DC. LXXXIX.* 24 págs., bilingues, mas o Autor não se cansou extremamente, pois o *Vilhancico e Coplas* do 2.<sup>o</sup> Nocturno, portuguezes, sam *ipsis verbis* os do folheto (33), atrás mencionado.

5 (38) — *Villancicos.. nas Matinas e Festa da Conceição.. M.DC.XC.* Vai até págs. 20 e está, decerto, incompleto, como se deixa vêr pelo *reclamo* da última fl. Principia:

Hermosissima Paloma,  
Que en arrullos diferentes..

Em espanhol todo.

6 (39) — *Villancicos que se cantaram na See do illustrissimo Senhor DOM JOAM DE MELLO BISPO CONDE. Nas Matinas, & Festa do Natal de 1692. Em Coimbra. Com todas as licenças necessarias. Na Officina de Manoel Rodrigues de Almeyda. Anno 1692. Sem pág. E' bilingue. Principia o Villancico VI:*

Huma tropa de pastores  
Vão esta noite a Belem...

seguido do *Estrilho*:

Oylé, oylé, (= oy lé! oy lé!)  
Que o Infante que nace Menino  
Muy Homem he...

7 (40) — *Villancicos.. nas Matinas, y Festa dos Reys de 1693.* Anno da impressão 1692. Não está pag. Bastantes trechos em portugûês.

8 (41) — *Villancicos.. nas Matinas e Festa dos Reys de 1694.* Impressão em 1693. Tam apurado foi á cabeça, que apanhou o texto brutalmente.

E' em portugûês o *Villancico V*:

Curiosos que andais pelo Mundo  
Aprendendo sciencias  
E artes liberaes,  
Correi, chegai,  
Que em Belem  
Está hoje hum Menino,  
Que o todas as Artes  
Vos pode ensinar.

Seguindo-se *Coplas e Segundas Coplas* tambem em portugûês.

9 (42) — *Villancicos.. na Capella Real.. do muy Alto e muy poderoso Rey D. Pedro II.. nas Matinas & Festa dos Reys.. M.DC.XCIV.* Sam 24 págs., com trechos portuguezes, por ex., o *Villancico VI*:

Naveguemos a Belem,  
Que he um largo mar de amor,  
Donde o mais bello Menino  
He do alto Pescador...

10 (43) — *Villancicos.. na See do.. Senhor D. JOÃO DE MELLO BISPO CONDE nas Matinas, & Festa dos Reys de 1696.* Em Coimbra,

na *Officina de Antonio Dias da Costa, impressor da Universidade.. 1695.*

Não pag. O 1.º Vilancico em português é o mesmo que já apontamos nos dois acima, n.ºs (33) e (36).

11 (44) — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal de 1697. Na Officina de Manoel Rodrigues de Almeida. O Villancico I em português:*

1. Jesu, quem me acode,  
Que hu valente me mata de amores?
2. Prendão-me esta ingrata,  
Que de amor, & ciumes me mata...

Como novidade aparecem aqui umas composições em língua de negro, de que noutro lugar nos ocupamos. Não está pag.

12 (45) — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa dos Reys de 1698.* Saio este folheto na mesma Oficina do anterior, ano de 1697. Bilingue. Mas aqui se repete no *Villancico IV* o respectivo do folh. n.º (41). Conclue com o *Villancico VII* com seu *Estrivilho* e *Romance* não destituídos de interêsse. Não está pag.

13 (45) — *Villancicos.. na Capella Real.. nas Matinas, & Festa da Cõceyção M.DC.XCVIII.* 32 págs. todas em espanhol.

14 (47) — *Villancicos.. na See do.. Senhor*

*D. JOAM DE MELLO, BISPO CONDE nas Matinas, & Festa do Natal de 1699. Na Officina de Joseph Ferreyra.. 1699. 32 págs. E' bastante curioso êste Vilhancico e a êle faço adeante referencia, com extractos da sua linguagem tam misturada.*

15 (48) — *Vilhancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal.. 1700. 39 págs. Interessante como o anterior.*

16 (49) — *Vilhancicos.. nas Matinas, & Festa de Reys de 1700. 31 págs. Todo em espanhol.*

17 (50) — *Vilhancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal.. 1701. De 22 págs., em espanhol.*

18 (51) — *Vilhancicos.. nas Matinas, & Festa dos Reys.. 1701. De 23 págs. O Villancico VI em quadras, em portuguez, principia:*

No retiro de Belem  
Caza de campo real,  
Hoje o Principe Divino  
Hum jardim de flores faz...

A que se segue o *Estrilho*:

Quem quizer colher flores  
A Belem parta,  
Que o Minino de amores,  
Todos retrata...

Com suas *Coplas*:

A colher estas flores—  
A Belem vamos,  
Que o Minino que nace,  
He flor do campo...

Sam 23 págs.

19 (52) — *Villancicos.. na See do.. Senhor DOM JOAM DE MELLO BISPO CONDE nas Matinas, & Festa do Natal de 1702. Em Coimbra na Officina de Antonio Simoens, Impressor da Universidade, 1702. 28 págs. Em espanhol, portugûes e com imitações dos falares de pastores e de negros, a que noutro logar me refiro.*

20 (53) — *Villancicos.. nas Matinas, & Festa do Natal de 1703. 34 págs., como o anterior em espanhol entremeiado de portugûes e de outros falares.*

21 (54) — *Villancicos.. na Capella Real.. nas Matinas, & Festa dos Reys, na Officina de Miguel Manescal.. Anno 1706. 23 págs., em espanhol sòmente.*

22 (54) — *Villancicos.. na See do.. Senhor ANTONIO DE VASCONCELOS DE SOUZA BISPO CONDE, nas Matinas, & Festa dos Reis de 1708. Em Coimbra.. na Officina de Joam Antunes. Anno de 1708.*

As coplas do *Villancico VI* sam em portugês:

De Belem a concha brava,  
Daquelle tosco portal,  
Não só de pérolas concha,  
Mas concha em que cabe hum mar...

a que se seguem ainda outras também em portugês. Tudo o mais em castelhano. 23 págs.

Temos, portanto, 55 Vilhancicos distribuidos pelos quatro tomozinhos e que dispostos cronològicamente nos dam a seguinte série:

1670 (2). IV.	1694 (3) I. IV	1708 (3). II. IV
1671. IV.	1696 IV	1709 . III
1677 I	1697 (2). I. IV	1710 (3). II III
1678. I	1698 (2). IV	1711 . II
1680. I	1699 (2). I. IV	1712 III
1681. I	1700 (3). III. IV	1713 (2). II
1685 I	1701 (3). III. IV	1714. III
1689. IV	1702 (2). III. IV	1716. III
1690. IV	1703 (2). III. IV	1720. III
1691. I	1704 III	1723. III
1692 (2). I. IV	1706 IV	s. a. III
1693 (3). IV	1707 II	

## V

Vejamos agora, como deixamos atrás prometido, e após esta sumária análise exterior, os Vilhancicos por dentro, na sua estrutura e no seu alcance literário e estético, se se lograr descobrir-lho.

Notemos, antes de mais, a desconsoladora circunstância da língua preferida na composição dos Vilhancicos ser não a nossa, mas a espanhola. A razão é obvia de mais para que valha ainda uma vez explaná-la. E' um facto. Como no teatro, como nos demais géneros literários, poemas, líricas, romances, história, géneros solenes e miudos. Muito depois de 1640, sacudido o jugo de Espanha, a língua custou a rehabilitar-se para a sua independência literária.

Quáse sempre o Vilhancico se divide em tres *Nocturnos* distribuindo-se por êles toda a variedade de composições: coplas, romances, endechas, bailes, xácaras, sendo os estribilhos por assim dizer a coluna em torno da qual vai enroscar-se toda esta abundante floração mé-

trica. O português entra em geral no corpo da composição, após o primeiro Nocturno. É justo dizer-se que não lhe falta certo cunho de graça, nem desdiz da artificialidade, que caracteriza os restantes trechos. Alguns exemplos no-lo confirmarão brevemente.

Em cada Vilhancico entram sete ou oito trechos designados com êsse mesmo nome, a que todos os mais servem como que de comentário ou variante. O número e importância dêles davam o nome ao género. Desde os primeiros versos o Poeta convida jubilosamente os fieis a associar-se à festa a que vão assistir — Natal, Reis ou outra. Estabelece-se o diálogo, que imprime vida e movimento à acção e que sem êle cairia em completa monotonia. Sam *Pastores* que, avisados, vêm vêr o menino recém-nascido. Sam os *Reis*, que vêm adorá-lo e trazer-lhe ofertas. Sam *Ciganas* que lêem a *buena-dicha*, *Negros* que o louvam em seu falar típico, com supressão de *r r*, e outras particularidades. Menos exactidão que em Gil Vicente na imitação impagável dêsses falares? E' de crêr, e assim devia supôr-se. Mas note-se como não se perdeu êsse vinco popular da arte scénica marcado na primeira vêz pelo nosso genial Dramaturgo.

De resto, o que se procurava conseguir estava infinitamente longe do que quer que fôsse que significasse preocupação documen-

tária e o fim a que se visava, êsse atingia-se pela graça do dizer simples, pela infantilidade dos sentimentos, pela vivacidade dos affectos, pelo artificio das mais variadas e fantásticas estanças, que fugiam a todo o canon das poéticas de Aristóteles e Boileau. Veja-se êste *Estrilho*:

Esta si que es gitana!  
Esta si que es pulida!  
Esta si que és galana!

Ela!  
Gitanilla buela,  
Ola!  
Que as de bailar sola,  
Ala!  
Que a todos iguala,  
Ola!  
Que esta fuerça es sola,  
Ala!

Esta si que es gitana!  
Esta si que és pulida!  
Esta si que es galana!

Num outro *Estrilho* as Ciganas sam primeiro apresentadas duma forma interessantíssima:

A la dança de la *buena dicha*!  
Combida, requiere,  
Con ayre, con gracia,  
Un tropel de Gitanos balientes,  
Una tropa de hermosas Gitanas.

Que buena vá, la dicha!  
Que linda vá, la dança!  
Que blanda vá, la fiesta!  
Que bella vá, la farça!

De Gitanos balientes que buelan,  
De Gitanas hermosas que bailan

Entram agora as Ciganas com os seus horóscopos :

Buena dicha, Niño hermoso,  
Promete belleza tanta,  
Pues contra la muerte eterna  
Tendrás tu la vida larga.

Buena dicha te prometo.  
Pues serás Niño de plata,  
Gran Propheta por las letras,  
Gran Capitan por las armas.

*Que buena vá la dicha  
Que buena vá la dança  
Que blanda vá, la fiesta!  
Que bella vá, la farça!*

Buena dicha galanito,  
Que en el semblante señalas,  
Que es tu Padre un Padre eterno,  
Y tu Madre una Muchacha...

Nas estrofes denominadas *Baile* é onde os poetas se entregaram às maiores fantasias do metro e da rima. Transcrevo para exemplo o seguinte:

*Ea! Zagalejos!  
Todos a bailar!*

Ea! Pascoal!  
Repicad el tamboril,  
Y vereis con gracias mil,  
Como alegre yo el portal.  
Repicad, repicad.  
Ai! ai! ai! ai!  
Porque al son del instrumento,  
Me vereis en gran contento,  
Apostarse las al viento,  
Sin que llegue el a ganar.  
*Ea! Zagalegos!  
Todos a bailar!*

Apartad, apartad,  
Y vereis con nuevas galas  
Como salen las Zagalas  
Que por pico llevan dos alas  
Hazer bueltas sin parar  
*Ea! Zagalegos!*  
*Todos a bailar!*

Apartad, apartad.  
Que aveis de ver sin tardanças,  
Nuevo modo en nuestras danças  
Pues quando uno haze mudanças,  
Otro toca un atabal.  
Tocad, tocad  
tan! tan! tan!  
E vereis como al desgaire,  
Tapalatan!  
Hago al son con gran donaire,  
Bamboleos de tal aire,  
Que le llevo yo el compas.  
Tapalata! palatan!  
*Ea! Zagalegos!*  
*Todos a bailar!*

Apartad, apartad  
Y vereis que sin rencillas,  
Muy a las mil maravillas  
Bailaremos de puntillas,  
Sin caer ni tropezar.  
Tipi! tipi! tipi! tipi!  
tipi! tipi! tipi! tan!  
*Ea! Zagalegos!*  
*Todos a bailar!*

Y puesto que los Zagales  
Mostrarán su habilidad  
Todos alapar, alapar, alapar,  
Vaia el Palteado de nuestro logar  
Andar! andar!  
Los golpes redoblád.  
Andar! andar!

Imagine-se o que seria a música adequada  
ao recorte e acentuação destes versos! Evi-

dentamente havia motivo de sobejo para que o gôsto do povo fôsse lisongeado com a quebra de sentimentos duma mais elevada e pura emoção. E a linguagem dos pastores? vejamos se não sôa aqui a música agreste das campinas largas do Alentejo ou das serranias verdejantes da Estrela! Se não se respira o cheiro acre do leite dos tarros da cortiça com desenhos caprichosos de primitivos! Se não se divisa nos arabescos contrafeitos dos modestos versos o tipo do pastor de numerosos rebanhos, alto, espadaúdo, sombrio e resignado:

1. Ou Gonçalo? Que será  
Tanta grita que oiço, e oibes?  
Que será? Disgue, que o medo  
Já no estangamo me vole?
2. Pardelhas, Anton, num sei,  
Que é isso que bai no monte,  
Que tudo sôn corredelas,  
Tudo vulha, e tudo bozes...
1. Se seron ladrões que bem  
Roivar os nossos alforges?
1. Prasga a Deos que num me lebem  
O jubom e o pelote.

*Todos: Verbum caro factum est  
Et habitavit in nobis*

1. Que disguem, Gonçalo amigo,  
Que disguem os Cantadores?  
Que disguem? que num entendo  
.....  
.....

3. Es que ha nacido esta noche  
El niño mas soberano,  
Que se ha visto en el orbe.  
E ansi venid adorarle,  
Llegad dichosos pastores  
Al Infante que ha nacido  
Hombre, Dios, Señor, y pobre.

### ESTRIBILHO

Ai! Repiniquemos a gaita de folle,  
Que bem Deus a matar-nos a fome.  
Ai! ai! ai!

Repiniquemos o nosso pandeiro,  
Que bem Deus a salvar os Galegos  
Ai! ai! ai!

Repiniquemos a nossa Pandorga,  
Que bem Deus a puchar-nos na Gloria  
Ai! ai! ai!

### BAILE

Senhor Neno, que bos trouxe  
Nosso Infante Celestial  
A nacer, sendo tam grande  
Como pobre num portal?

.....  
Dai-nos licença, mei Neno,  
Que do nosso Figural,  
Por gosto huma oferta  
Bos fosquemos cada qual.  
Traz Gil mum voa manteiga,  
E mum vom leite Pascoal,  
Traz Gaspar um Cordeirinho,  
E traz hum vom queijo Vrás..

Eis agora os Negros, que na representação do auto, que ia paralelamente acompanhando as ceremonias da liturgia católica, deviam ter para a curiosidade pública o seu melhor qui-

nhão. A nossa dificuldade está na escolha dos trechos. Aqui temos os *Vilhancicos que se cantaram na Sé de Coimbra em 1702.*

No 2.º Noturno o *Vilhancico V* começa:

1. Afassa! afassa! que vem  
Huns Neglo lá de esse Esphera,  
Pala faze humas dança  
Con toros os zente pleta.
2. Espela! espela! Gaspalo,  
Porque mim traze os bandeila,  
E quele que á mim me sigua,  
Toro os zente desses fessa.
1. Que dize vozo Flunando?  
Quele ter comigo huns guerra?
2. Mim não quele senão paz,  
Mas mim fessa sar plimela.
1. Pois vá de gaiofa e dança  
E acabalá os pendencia,  
Vozo guiá por huns banda  
E mim de otro banda os fessa.
2. Sar contenta;  
Que quele voszo tocá?  
Tambolo ó os cãsaeta!
1. Mim repenica os marimba,  
Ou os flauta Aragoneza.
2. Mim tocalá os pandeilo  
E tambem os choloméla.  
Chamemos os nosso zente,  
E vá de fessa! vá de fessa!

#### ESTRIBILHO

1. Oh! Flancico?
2. Que, siolo?
1. Oh! Gaspalo?
3. Que me manda?
4. Que quele Vossé?

1. Vem vozo aqui,  
Que mim os chama.  
Fancico, toca os pandeilo... lé! lé!  
Belchiolo, toca os banza... lé! lé!  
Gaspalo, quebra o tambolo... lé! lé!  
E Flunando, toque os flauta.. lé! lé!

E vamos toro aos Berem  
Pala fazemo huns dança,  
Aos Minina naciros,  
Que a pletos e blancos sarva!

E em seguida, sob a rubrica *Dança*:

Izazú! como sar linda,                    ai! lé!  
Os minina que regala,                    ai! lé!  
Porque ça deitando huns oya,            ai! lé!  
Que palece huns tocha clara            ai! lé!  
Meus amolo sar nuzio?                    ai! lé!  
.....

No ano immediato e na mesma vetusta Sé coimbrã lá figura de novo a scena dos Negros com um novo e não menos interessante movimento ritmico:

1. Olá pleto siolo alfele,  
siolo sarzento?  
Zuntamo hirmandale,  
Chamamo rei Neglo,  
Por ver nesse cazo,  
Que hare nos fazelo, andar!

*Todos* : Que? aqui samo toros,  
Siolo Thomé,  
Diga vozo que quelé?

1. Ahi Sá Mamede ?
2. Aqui sá.
1. Aqui só Guiermo ?
2. Aqui sá.
1. Y magi Flancico ?
4. Aqui sá.
1. Y magi tamburilero ?
5. Aqui sá.
1. Sá aqui os bitangoro ?
6. Aqui sá
1. Magi os asubio ?
7. Aqui sá.
1. Tora zente zunto ?  
Nozo aqui temo ?  
.....

E acaba com êste formoso *Estrivilho* :

1. Veia os dança do xahia,  
Co siolo santo Antonio.

*Todos* : A la torre del orò  
Barcos de plata *lé! lé!*  
Son los que la logran *lé! lé!*  
Rompiendo en el água *lé! lé!*

1. Chega os plimo  
Como São Benedito ?  
Sarbeta deuzo *lá! lá!*  
Mias Menina, *lá! lá!*  
Que em tuas oio, *lá! lá!*  
Tem os meus vira *lá! lá!*

Veia, veia outros dança  
Cos siola de Guadarupe

Mia Mãi e mio bem *E lé!*  
Eses oios mostrá *E lé!*  
Que zente que le vê *E lé!*  
Não tem mais que espelá, *E lé!*

E veia agora otros dança  
Cos siolo do Rozalio,  
Chega aqui Neglo *Tum!*  
Beija pezio *Bum!*  
Como si flemoso! *bum!*  
Mias pequinino *tum!*

Agola outros dança trazemo,  
Cantando, sartando,  
Baiando, dancemo, andá :  
a la torre del oro *lé! lé!*  
Barcos de plata *lé! lé!*  
Son los que logran *lé! lé!*  
Rompiendo en el agua *lé! lé!*

## VI

Mas é tempo de avaliarmos o quinhão que neste certamen coube ao idioma nacional. Já o dissemos — é o castelhano, que tem a supremacia neste género de composições. Do grupo que estamos estudando pertencem-lhe 32, sam

bilingues 23, mas é preciso notar que mesmo nos bilingues sam muito reduzidos os trechos portuguezes. Nada determinou esta preferência senão o gôsto da época, reafirmâmo-lo, sendo realmente para lamentar que a tanto tivesse descido a deliquiscência do character nacional. Mas êste não morrera e assim se afirmava, embora tènueamente, pelo encanto dalgumas composições pelas quais se via bem que a língua se não recusava às louçanias literárias e artísticas do espanhol. Questão de endemia da época. Foram dos melhores patriotas os que fizeram soar a sua lira na língua dos nossos vezinhos. E para só falar dos do tempo que estamos estudando, a quem não acudirá logo à memória o nome do culto e fecundíssimo espírito que se chamou D. Francisco Manoel de Melo? Quem se revio em mais primores de língua pátria como o que tam brilhantemente a empregou na sua *Côrte na Aldea?*

Aqui mesmo nos *Vilhancicos* há graça, suavidade, riqueza vocabular, avonde, sem necessidade da medingaria alheia.

Se não ha mais ou melhor, a culpa não era da língua. Longe disso! Os artistas é que podiam não possuir a mestria de a plasmar com amor, com perfeição, e sobretudo, sem a torcer, sem a violentar.

Veja-se aquele rebuscado da fraseologia,

aquele constante jogo de termos antinómicos, aqueles saltos jogralescos de metáforas, todo aquele processo de estender e revestir e moldar os períodos. Idéa e forma tudo obedece a um canon, que não é nosso, que vem de fóra e se estende pelas literaturas todas da época. Nos extractos que vamos fazer esta convicção salta logo à leitura dos primeiros versos. Eis uns *Vilhancicos dos Reis*, cantados na Capela Real em 1671. O poeta na sua inspiração, que diríamos escandecida, se não fôsse tam glacial, imagina o Menino Jesus nascido em Belem, cidade que êle afirma ter-se afigurado aos Reis, que o foram adorar... Lisboa! E segue assim o desafôro da imagem :

. . . . .  
Aquela é a *Porta do Sol*,  
Lá se vê a *Boa Vista*,  
Nos olhos dessa Senhora.  
Vês acolá o *Paraiso*,  
Donde uns Anjos me namoram ?  
E antes a *Porta da Cruz*,  
O *Calvario* daqui nota.  
O Minino é o *Bairro Alto*,  
Bem que está na *Rua Nova*.  
Olha acolá *São Joseph*,  
*Annunciada*, a *Bem-Posta*.  
O caminho do presepio  
E' a *Calçada da Gloria*,  
Vês o *Rocio* tambem...

Após mais algumas outras rebuscadas fantacias fecha com o Estribilho seguinte :

*Ei-lo vai,*  
*Mano Manoel, ei-lo vai,*  
*Ora sus, andai!*

Pois que estamos na India, em Belem, Portugal,  
 Que isto faz amor,  
 Que isto amor faz,  
 Que vos hei-de querer  
 Que vos hei-de amar,  
 Que não posso mais.  
*Ei-lo vai, ei-lo vai,*  
*Ora sus, andai.*

Mas no *Vilhancico*, que damos a seguir, ainda se mostra com maior evidência a filaucia gongórica. Para ser cantado na Sé de Coimbra em 1692, tal se desentranhou o estro dum inspirado versista :

A Belem á meia noute,  
 A ver o Sol que madruga,  
 A quadrilha vai dos montes,  
 Vai da Côte a patrulha.

\*

Com alegria uns e outros  
 Vão de tropel e de chusma,  
 Os pandeiras repicando,  
 E ponteando as bandurrias.

\*

Tanto que em Belem entrou  
 A sonora turba multa,  
 Poz-se o silencio de espreita,  
 A noite se poz de escuta.

\*

Muitos donaires diziam,  
 Cantavam lindezas muitas,  
 Que o cantar muito esta noite,  
 Mais foi devoção que furia.

\*

Tanto repica a guitarra,  
 Quanto o adufe retumba,  
 E a soalha e castanheta  
 Jamais lhe mordida a pulga.

Assi chegão ao presepio,  
E vendo a beleza nua  
De hum Menino entre palhinhas,  
Desta maneira prenuncião:

Ai que lindo que vindes!  
O' que bizarro!  
Pois naceis de hũa Rosa,  
Cravo encarnado!  
O galansete,  
O garridete,  
O bonitete,  
O namorado,  
O desgarrado,  
Que és cravo encarnado!

Outro exemplo ainda desta extravagância  
noutros *Vilhancicos* de Coimbra, em festas dos  
*Reis* no ano de 1694:

Curiosos que andais pelo mundo  
Aprendendo sciencias  
E artes liberaes,  
Correi, chegai,  
Que em Belem  
Está hoje um Menino,  
Que a todas as Artes  
Vos pode ensinar!

E desanda uma esquipática e sesquipedal  
demonstração em Coplas, cantando o Menino  
*Gramatico sem igual, Retorico sem segundo, Filosofo*  
*agudo, Arismetico sem conto, Musico compositor,*  
*Astrologo com estrela, Matematico engenhoso, enfim!*  
— *Musico, Poeta, Legista, Teologo.* E só isto,  
bom Deus!, porque o autor resolveu, con-  
fessando-se modestamente incapaz de fazer o  
contrário, calar as prendas da Sciência, que  
ornam o Menino Jesus.

Assim diz:

Não vos sei eu numerar  
Suas sciencias, que fôra  
Reduzir o imenso a cifras,  
E cifrar um mar em conchas!

Algumas vezes no rebuscado dos conceitos há uma tal profundidade, que chega a ferir a nossa sensibilidade moral. Aquele amor extravasa do seu ideal de pureza. Há uma vaga de perfume mundano, sensual, pecaminoso.

Insensivelmente nos lembra aquele dulçuroso estilo em que se comprazia por vezes a musa duma soror Violante, duma Maria do Ceo ou duma Madalena da Gloria.

E surge-nos em visão macabra, como num capricho de Goya, o tropel das freiras mundanas, que o bom e virtuoso Bernardes nos pinta vivendo rodeadas de «laminas, oratórios, cortinas, sanefas, rodapés, tomados a trechos com rosas de maravalhas, banquinhas de damasco, franjadas de seda ou de oiro, pias de cristal, guarda-roupas de Holanda, caçoulas, espelhos, craveiros, mangericões, ou naturais ou contrafeitos, passarinhos, cachorrinhos de manga..., jarras, ramalhetes, perçolanas, brinquinhos de sangria, figuras de alabastro ou de gesso, perfumes, alambíques...».

Eis como se inaugurou o 1.º Noturno na



2. Ai que estou ferida !
1. Ai que sinto as dôres !

Prendam-me esta ingrata ;

2. Jesu, quem me acode?
3. Donde estão as armas,  
Que dizeis, que esconde?

2. Quem as mãos tem presas,  
Que armas usar pôde?

3. Como esta ternura  
Render almas soube ?

1. Ai, que isto me mata  
Jesu, quem me acode ?

3. Acudi, pastores !
4. Quem dá vozes?
3. Uns amores d'alma,  
Uma alma de amores,  
Que se dão batalha  
No campo esta noite.

4. Valha-te Deos por Menino,  
Por Homem,  
Que feres, que matas, que abrazas,  
De amores,  
Valha-te Deos por Menino,  
O que podes...

Mas veja-se como nem tudo se perde nesta monotonia de casuistica amorosa. Figurando os Reis Magos em viagem para Belem assim se exprime o Poeta, querendo traduzir a azáfama a bordo da náó já em rota no mar :

Ou ! ou ! leva, leva, leva,  
Aperta, aperta essa escota,  
Iça essa vela da gavea, iça !  
Orça do leme, orça, orça !

Larga, larga todo o pano,  
Mareai as velas todas,  
Tocai, tangei as trombetas,  
Ande o pandeiro, e viola,  
Boa viagem! boa viagem!  
Adeos, formosa Lisboa!...

Entre os artificios estróficos encontram-se exemplos dos *Ecos* em *Coplas* tam razoavelmente conduzidas, que não resisto à tentação de as transcrever dum *Auto do Natal do ano de 1700* celebrado, como os anteriores, na Sé de Coimbra. Imagine-se êste diálogo com os Pastores:

1. Como achastes o Menino?  
P. Benino.  
1. He seu carinho amoroso?  
P. Piedoso.  
1. He nos extremos constante?  
P. Amante.

*Todos:*

Por fineza relevante  
Nossa esperança se alenta;  
Pois Deus nascido se ostenta  
*Benino, piedoso, amante.*

\*

1. Sabeis que é fogo incendiado?  
P. Luzido.  
1. Vistes que é raio luzente?  
P. Ardente.  
1. Sentis que é sol inflamado?  
P. Abrazado.

*Todos:*

Em tanto incendio ateado,  
Arda amor em doce chama,  
Pois temos um sol, que inflama,  
*Luzido, ardente, abrazado.*

1. Que chora neste desterro?  
P. O erro.  
1. Com suspiros qu' é desculpa?  
P. A culpa.  
1. Quem lamenta em triste estado?  
P. O pecado.

*Todos:*

Com louvores sublimado  
Seja um Deos tam amoroso,  
Que vem redimir piedoso  
*O erro, a culpa, o pecado.*

\*

1. Que tirais deste primor?  
P. Amor.  
1. Fará vosso amor progressos?  
P. Excessos.  
1. Obrará de amor proezas?  
P. Finezas.

*Todos:*

Admirando taes grandezas,  
Bem é que mostreis constantes,  
Que sabeis pagar amantes  
*Amor, excesso, finezas.*

\*

1. Que merecem seus amores?  
P. Louvores.  
1. E finezas tam notorias?  
P. Glorias.  
1. E valer-nos nas desgraças?  
P. Graças.

*Todos:*

Pois de amor com novos traços  
Se ostenta amoroso e fino,  
Demos a um Deos tam benino  
*Louvores, glorias, graças.*

De igual teor podia apresentar numerosos exemplos.

Outro artifício estrófico se encontra nalgumas *Arias*, como nesta consagrada a Santa Cecília na sua festa de 1716, na Igreja de Santa Justa, em Lisboa:

Ia Cecilia  
Por hermosa  
Astro bello,  
Luz ostenta,  
Y gallarda,  
Fenis siendo,  
Del martyrio  
De la muerte  
De la tierra  
Es del ciclo  
Flor perpetua  
Astro eterno

Superior  
sin igual.  
flôr gentil,  
Olores dá.  
al fenecer,  
singular,  
en el rigor,  
en el afan,  
es bella flor,  
astro immortal,  
en el luzir,  
en el brillar.

Eram autenticos quebra-cabeças artificiosos e despidos de qualquer valor poetico, mas neles refinavam os espíritos mais desempoeirados do século, como se provaria com êsse formoso espírito de D. Francisco Manoel de Melo, já citado.

As *Arias*, essas significavam, demais, a monomania da imitação de músicas cantadas quer nos Teatros da Côrte, quer nos populares. De lá derivaram e invadiram tudo e a tudo se impozeram ainda ao recinto sagrado das Igrejas.

Coplas, árias e arietas, estribilhos, bailos, seguidilhas (!) e toda essa flora extravagante e irrisória de música, que distraiam as multidões nos *Pateos*, onde se representavam as comédias

dos autores favoritos, iam ouvir-se sob as abobadas augustas dos templos e aí assentariam arraiais até nossos dias, tornando-se de cada vez mais popularescas, mais triviais, mais irreverentes.

No *Oratorios*, que também apontamos acima, há toda uma dramatização, encaminhada a cativar os sentidos.

Como na *Opera* distribuem-se papeis vários numa mistura de sagrado e de profano, em que êste triunfa e domina. De princípio assinalam-se as *Personas que moralmente supone la idea*. E indicam-se:

1. *Tiple — o Amor*
2. *Tiple — a Luzitania*  
*Contralto — o Culto*  
*Tenor — a Inveja infernal!*

Há *recitativos, endechas, duetos*, entre a *Luzitania* e o *Amor*, *córos* a várias vozes, para acabar toda esta autentica ensalada com uma *Aria* com trombetas « a 8 vozes com todos os instrumentos », — assinala a nota marginal!

Era o efeito da música da *Opera* recordando talvez ainda por cima os nomes de muitas das personagens, que viviam cá fóra numa atmosfera de corrupção e de escandalo.

## VII

Sucedeu o que era inevitavel. Os Vilhancicos foram desaparecendo pouco a pouco. O character mais que profano, que lhe deixamos assinalado, bem indicava que o seu logar não era já no templo. E com efeito lá acabam, para vir novamente até à fonte donde surgiram. Executados sobretudo nas festividades do Natal e Reis, nestas continuaram entre o povo, nas aldeias, cantados por gente humilde em toadas ingénuas, dialogadas, a vozes ou com acompanhamento de instrumentos, numa encenação de trajos rústicos, tudo farto motivo a alegria e risos inofensivos e, no fim, razoavel colheita de ofertas para os executantes do popular e gracioso auto.

Bons tempos! velhos tempos já!

Enquanto na lareira ardia o grosso madeiro que durava dias e dias quase em perene brazido e em volta parentes e amigos entretinham os serões descansando das fadigas, ouvia-se da porta o costumado:

Menino Jesus Nazaré,  
Quer que cá cante?

E era um tropel de cachopinhos que apparecia, à frente o rapaz que segurava o cestinho

de verga onde, entre palhinhas, estava deitado o *Menino*. Risos, atenções e, feito o silencio, os moços que principiavam agrupados em córos:

1. O' meu Menino Jesus,  
O' meu Menino tam belo,
2. Onde vieste a nascer  
No rigor do caramelo.
1. A Virgem quando caminha,  
Caminha para Belem,
2. Co seu Menino nos braços,  
Que lhe pede de comer.
1. Não ha que comer, Menino,  
Não ha que comer, meu bem.
2. Lá em cima está uma quinta,  
O' que ricas maçãs que tem!  
O quinteiro, que nela assiste,  
Cego é, que nada vê.
1. Dá-me uma maçã, quinteiro,  
Pró meu Menino comer.
3. Entre a Senhora cá dentro,  
Coma mil, quantas quiser.
1. A Senhora como humilde,  
Não comeu mais que três:  
Uma deu ao seu Menino,  
Outra deu a S. José,  
Outra ficou no regaço,  
Para a Senhora comer.
2. O menino comia a maçã,  
E o cego se punha a ver.
1. Quem te deu a vista, cego?  
Quem te fez tam grande bem?
1. Foi a Virgem Nossa Senhora,  
Mais seu Menino tambem!<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Colhido na tradição oral directamente, em Niza, terra natal do autor. A linguagem peculiar da localidade, a toada da música, ainda hoje tam divulgada e conhecida, os trajos, a ocasião, tudo ajuntava encanto *sui generis* à representação ingénua destes cânticos do Natal e dos Reis.

Fazia-se nesta altura a colheita pelos donos da casa e tudo abalava de roldão, em risadas alegres, em demanda de novo auditório.

Seguiam-se os *Reis*, de que damos, colhidos na mesma veia popular os cânticos, entoados por córos de vozes em diálogo:

1. Já lá vem (n)a Barca Nova,  
Que fizeram (n)os pelingrinos.
2. Vai Nossa Senhora nela,  
Toda cheia de cravinhos.
1. Já lá vem (n)a Barca-Nova,  
Que fizeram (n)os pastores.
2. Vai Nossa Senhora nela,  
Toda cheia de felôres.
1. Lá vem (n)os tres Cavaleiros,  
Que fazem sombra no mar.
2. Sam os tres do Oriente,  
Que a Jesus vem buscar.
1. Não o encontraram na vila,  
Nem tam pouco no logar,  
Fôram dar com ele em Roma  
Revestido no altar ..

Já não haverá senão vagas reminiscências por alguns recantos perdidos de Portugal destas costumeiras representativas de doces e tranquilas crenças. As cerimónias do Natal, como as da Semana Santa, como tantas outras festas do culto católico, eram sempre pretexto para uma expansão de sentimentos de suave

afecto familiar e social. Os que pretendem aniquilá-las ou substituí-las dar-nos ham em compensação a tranquilidade e a alegria, que elas nos proporcionavam?

Damos, em seguida, a título documentário um Vilhancico, integral, desde a portada, que reproduzimos.

---





## I. NOCTVRNO

### VILLANCICO I

#### *Estribillo*

Quien fuere de buen gusto,  
Sigame luego,  
Que los Angeles cantan  
De los Cielos :  
Sigame luego,  
Que han venido tres Reyes  
A ver al nuestro,  
Y los Angeles cantan  
De los Cielos,  
Sigame luego,  
Que los Angeles cantan  
De los Cielos.

#### *Coplas*

- 1 Las voces, que sonoras  
Hiriendo estan el viento,  
Haziendo guerra al ayre,  
La Paz divulgã, q̃ oy assiste al suelo
- 2 Venid, vereis tres Reyes,  
Que una estrella siguiendo,  
El otro Oriente dexan,  
El Sol buscãdo deste Oriẽte nuevo
- 3 Desde oy son màs felices,  
Que hasta oy felices fueron,  
Pues mejora su estrella,  
La Estrella q̃ ha seguido su desvelo

- 4 Ya su luz los dexò  
Sin duda, previniendo,  
Que si otra luce màs,  
Esta desobra la que luce menos.
- 5 Ya han hallado la Gloria  
En un Portal pequeño,  
Que adonde nace un Sol,  
No es mucho ñ se encuẽtre con un Cielo.
- 6 Ya se ven a la vista  
De aquel que quiso, siendo  
Por su Imperio el màs rico,  
Nacer en lo màs pobre de su Imperio.
- 7 De rodillas le adoran,  
Que a cuenta del respecto,  
Al ver la de su Rey,  
Sube su Magestad, baxãdo al suelo
- 8 Devido es al Infante  
El fino rendimiento,  
Que por grandes que sean,  
Mucho mayor es el, aũq̃ es pequeño.
- 9 Los dones que tributan,  
Que le ofrece su affecto,  
Como a Dios, Rey, y Hombre,  
Oy se los restituye como a dueño.
- 10 Uno por Rey le dà Oro,  
Otro, por Dios Incienso,  
Por Hombre otro en la Mirra  
Un vivo anuncio de ñ estará muerto.

*Respuesta*

Quien fuere de buen gusto. &c.

## VILLANCICO II

Sitiados estan de nieve  
Muros de un Portal, en que  
Su Quartel puso un Infante,  
A que Amor no dió quartel.  
El tiempo, el ayre, y la escarcha  
Se conjuraron contra el,  
Y de la sitia da Plaça  
Ya està rota la pared.  
Aunque es valiente el Infante,  
Aqui temblando se vè,  
Que los contrarios son muchos,  
Y el solo vale por Tres.

Contumaz estava el yelo  
Con la nieve, y desta vez  
En su defensa el Imbierno  
Juntava todo el poder.  
Clarines los ayres son,  
Un trueno el atambor'es,  
Tocan, y embisten a un tiempo,  
Valelde Cielos, valed.

*Estribillo*

Alerta, alerta,  
Que entre el yelo, y la escarcha  
Encendida se està la guerra;  
De aqui la Nieve,  
De allà las Nubes,  
De acà los Vientos,  
Todos pelean;  
Alerta, alerta,  
Que a las lanças del Cielo  
No ay resistencia,  
La Nieve sube,  
Las Nubes tiran,  
Todos se encuentran;  
Alerta, alerta,  
Que del Niño en lo tierno  
Està la fuerça;  
Alerta, alerta,  
Que encendida que vâ la guerra.

*Coplas*

En socorro del Infante  
Tres Reyes de Oriente llegan,  
Que por una elevacion  
Se los avisó una pieça.  
Con la multitud que traen  
Huyeron a toda priessa  
Desvanecidos los yelos,  
Y las nieves descompuestas:  
Retiraronse las nubes,  
Porque el Capitan Estrella  
Le iva dando en las espaldas,  
Como Rayo de la guerra.

Ya todo de paz estava,  
 Quando los tres Reyes entran,  
 A más batallas de amor,  
 Pero a menos resistencias.  
 Un Pastor soldado un tiempo,  
 Al tiempo que el pie le besan  
 Al Niño los sabios Reyes,  
 Dizia desta manera.

A la guerra viene el Infante,  
 Ay, ay, ay,  
 Pero dizen que pide pazes,  
 Si, si, si.  
 Si desnudo para que viene,  
 Que, que, que,  
 A pedir socorro a los Reys,  
 Nò, nò, nò,  
 Con el Oro, que le tributan,  
 Ay, ay, ay,  
 Quedará muy rico sin duda,  
 Si, si, si,  
 Oro tiene para la paga,  
 Que, que, que,  
 Vencedor será en la campaña,  
 Si, si, si,  
 Si es soldado el Niño glorioso,  
 Que, que, que,  
 Muy temprano le veran roto,  
 Ay, ay, ay,  
 Quien dirá, que no es alentado,  
 Nò, nó, nó,  
 Si es Sol dado aqueste soldado,  
 Si, si, si,  
 A la guerra viene el Infante,  
 Pero dizen que pide pazes.

### VILLANCICO III

#### *Respuesta*

Del Saber. el Poder, y el Amor,  
 Qual es mejor?  
 1 Yo no lo sè.  
 2 Yo lo dirè.  
 3 Yo tambien.  
 Pues digame qual ès?

- 1 Yo digo, que es el Amor.
- 2 Yo digo, que es el Poder.
- 3 Yo digo, que todos Tres.  
Dizen igual excelencia,  
No puede ser.  
Si puede ser.

*Todos*

Pues`vay a de competencia,  
Y pues Mirra, Incienso, y Oro  
Publican al Dios que adoro  
Por Dios, por Hombre, y por Rey,  
Atencion, atencion,  
Y pues tres los dones son,  
De una, y otra perfeccion,  
Qual es el menor tesoro?

- 1 La Mirra.
- 2 El Incienso.
- 3 El Oro.  
Igual sagrado decoro  
Ofrece la competencia,  
Pues dize igual excellencia,  
La Mirra, El Incienso, el Oro.

*Coplas*

- 1 Por Dios, por Rey, y por Hombre,  
Logra oy la Sabedoria,  
En los agrados de un Niño,  
La estimacion indecisa.
- 2 Yo digo, que es el Incienso,  
La prenda que más le obliga,  
Que quien por Dios le venera,  
Todos los obsequios cifra.
- 3 Yo digo, que es el Oro,  
Que en Magestades altivas,  
El dar la Deidad, es menos,  
Que dar la Soberania.
- 4 Yo digo, que sus Cariños,  
Se prenda más de la Mirra,  
Que ni Dios, ni Magestad,  
Sin lo humano amor explica,  
Qual es mejor tesoro.

*Todos*

La Mirra, &c.

- 1 Quando la Deidad descubre  
El Incienso más le obliga,  
Pues la cree quando está  
De lo humano desmentida.
- 2 Más deve al Oro su Amor,  
Pues deste el desprecio indicia,  
Que no fue necesidad,  
Sinò eleccion su fatiga.
- 3 La Mirra a la Fè el obsequio  
Al verle Hombre facilita,  
Que si solo la halla Dios,  
Al verle pobre peligra.

*Todos*

- Qual es el mejor tesoro, &c.
- 1 Más heroica en el Incienso  
La voluntad se acredita,  
Que al que rinde adoraciones,  
No le queda más que rinda.
  - 2 No, que en ofrecerle el Oro  
Se asegura más de fina,  
Pues quien cede al interez,  
Es por lo que más estima.
  - 3 Por darle la Mirra penas,  
Gana a su Amor las caricias,  
Que lo humano las descubre,  
Si la Deidad las retira.

*Todos*

Qual es el mejor tesoro, &c,

*Respuesta*

Del Saber, &c.

## II. NOCTVRNO

### VILLANCICO IV

Depois q̃ a Belem chegarão  
Os Reys, q̃ ao Minino adorão,  
As varias nações, que trazem,  
Fazem diversas galhofas.

Alli se achão Portugueses,  
Que desde os confins de Europa  
Vão ver os berços do dia  
Lá nas Regioens da Aurora.  
Tanto que em Belem entrárão,  
Suppondo, que era Lisboa,  
Entre se he, ou não he,  
Elles desta sorte o provão.  
Aquella he a Porta do Sol,  
Diz hum, do Portal à Porta,  
Lá se vê a Boa vista  
Nos olhos dessa Senhora.  
Vês acolà o Paraiso,  
Donde huns Anjos me namoraõ,  
E antes a Porta da Cruz,  
O Calvario daqui nota.  
O Minino he o Bairro alto,  
Bem que està na Rua nova,  
Olha acolà São Joseph,  
Annunciada, a Bem-posta.  
O caminho do Presepio  
He a calçada da Gloria,  
Vês o Rocio tambem,  
Que he daquella Aurora o aljofar.  
Vês tambem o Boy fermoso,  
Que està là dentro na choça,  
As Pedras negras não vês  
Em tantos Negros de Angola?  
Não vês a Corte Real,  
Donde estes Principes moraõ.  
Lá está o Forte levantado,  
Inda que tão só agora.  
Pois se aqui temos Belem,  
Pois se aqui temos Lisboa,  
Esta he logo a nossa Patria,  
Que donde está Deos he a nossa.  
A penas diz, quando logo  
Toda a gente se alvorota,  
Ferve o pandeiro, a bandurria,  
Tambor, adufe, & viola.  
E caminhando ao Portal  
Com algazára estrondosa,  
Aos Ventos, Montes, & Valles  
Isto dizem, & isto entoão.

*Estrilho*

Eylo vay,  
 Mano Manoel, eylo vay,  
 Ora sus anday,  
 Pois q̃ estamos na India, e Belã, Portugal,  
 Que isto faz Amor,  
 Que isto Amor faz,  
 Que vos hei de querer,  
 Que vos hei de amar,  
 Que não posso mais, eylo vay,  
 Ora sus anday.

*Coplas*

Desta sorte a chusma  
 Chegava ao Portal,  
 Em que o Sol divino  
 Seu Oriente faz.  
 E vendo o Minino  
 Com os Reys tratar,  
 Remoques amantes  
 Cada qual lhe dá.  
 Falame minha Alma,  
 Olhay para cá,  
 Supposto que tudo  
 Vedes donde estais.  
 Se vos dão presentes  
 Os Reys de Sabã,  
 Nòs vos damos a alma,  
 Vede qual he mais.  
 Cahio vos em graça  
 O mundo, oxalã,  
 Fora este cair  
 Novo levantar.  
 O ver que os cativos  
 Vindes resgatar,  
 Esta liberdade  
 Ma cativa mais.  
 Atento o Minino  
 Escutando estã  
 Affectos amantes  
 De peitos leaes.  
 Com hum riso brando,  
 E hum suave olhar,  
 Da finesa em premio,  
 Todos satisfaz.

Alli dà a entender  
Aos de Portugal,  
Que as Quinas por Armas  
Em sorte ha de dar.  
Cada qual com isto  
Tam contente vay,  
Que louco de amores,  
Não sabe o que faz.  
Despedemse em fim,  
Deixandolhe là  
As almas, & assim  
Tornão a cantar.  
Eilo vay, &c.

VILLANCICO V

Chora o Sol, a Aurora rie  
Perolinhas de Mar a Mar,  
Que se ella bem rie,  
Elle melhor chora,  
Namorame o seu chorar.

*Coplas*

Sol fermoso, que naceo  
Da Aurora mais pura, & bella.  
Chora porque ria ella,  
E se alegre todo o Ceo;  
Tem o Pesebrinho cheo  
De perolas, sem coalhar,  
Que correm atè encontrar  
As que rie a branca Aurora,  
Que se ella bem rie,  
Elle melhor chora,  
Namoroume o seu chorar.  
Sol mais tenro, & namorado,  
Que o mais amante Cupido,  
Na palha jaz todo espido,  
Porèm mais forte, & ousado;  
O Princepe desejado  
He, que agora quiz nacer,  
E folga de padecer,  
E com isso mais namora,  
Que se ella bem rie, &c.

Naceo da Aurora mais pura,  
 Que deu nova vida às flores,  
 Porquem tem cores melhores,  
 E cheira sua fermosura;  
 A noite, que inda era dura  
 Abrandando ja seu rigor,  
 O Prado se vê melhor,  
 Que por Mayo, por agora,  
 Que se ella bem rie, &c.

Naceo demais clara Estrella,  
 Que vestio de lume o dia,  
 Que o Sol lume não teria  
 Saíndo diante della;  
 Terra Mãe, terra Donzella,  
 Que em graça não tem igual,  
 Se nacera em Portugal,  
 Inda mais fermosa fora,  
 Que se ella bem rie, &c.  
 Chora o Sol, &c.

## VILLANCICO VI

Bias el discreto del pueblo  
 Preciado de que tal ves,  
 Al Principe Niño suele  
 Alegrar, y entretener.  
 Por capitán de una dança  
 Llega esta noche a Belen,  
 Y en el Portal se introduce,  
 Donde su Alteza se vê  
 Lleno el Portal de Zagales,  
 Que siempre buen año ès  
 De Pastores de buen gusto  
 Cofrades del cascabel.  
 Es la dança de batalla,  
 Ya tocan a acometer,  
 Muy de paz el corazón,  
 Y muy de guerra los piés.

*Estribillo*

Y en el Portal de Belen  
 Los esquadrones se ven  
 A cometer al compaz,

Al compaz, y brilla más  
Del Zagalejo, que toca más bien,  
Ay como cruzan,  
Y escaramuzan,  
Y el polvico le desmenuzan,  
Ay como embisten,  
Y como tiran,  
Acometen, y se retiran,  
Y el tamborilillo suena,  
Con repiques de Noche buena,  
En cada mudança,  
Y anda la gira, y anda la dança.

*Coplas*

Entrò Gil por Capitan  
Al son de la castañeta,  
Con su paje de gineta,  
Su montera, y su gaban ;  
Muy ayróso, y muy galan  
Con mesura, y continencia,  
Hizo al Niño reverencia,  
Y luego terció su lança :  
Y ande la dança.  
Con su peto, y espaldar  
Entrò dançando el torneo  
Toribió, y dió su passeio  
A guisa de pelear ;  
A Dios Niño fue a adorar,  
Y a su Madre hermosa, y pura,  
Y les dixo con mesura  
Dòs arengas a su usança :  
Y ande la dança.  
Un Zagalejo novel  
De buena gracia, y donayre,  
Que haze bolar por el ayre  
Las chispas del cascabel ;  
Encontróse con Miguel,  
Que el duelo animoso aceta,  
Fue el golpe de castañeta,  
Y quedaron en balança :  
Y ande la dança.  
No es para menos Miguel,  
Antes por mayor hazaña  
Truxo un cavallo de caña,

Con pretal de cascabel;  
 A todos dava quartel,  
 Y porque Anton se resiste,  
 Con toda la dança embiste,  
 Aclamando avança, avança:  
 Y ande la dança.

Uno, y otro Zagalejo  
 Entretenian al Niño  
 Ya con su gala, y su aliño,  
 Ya con su gracia, y despejo;  
 Parecia el Portalejo  
 Vistoso Mayo de flores,  
 Con libréas de Pastores,  
 Cada qual segun alcança:  
 Y ande la dança.

La folla en esto empeçò,  
 El al chis, chàs de las sonajas,  
 Y pulgar se hizo rajas,  
 Y el cascabel se abollò;  
 Cada qual se señalò  
 En acometer brioso,  
 En bailar firme, y ayroso,  
 Quedando todo en bonança:  
 Y ande la dança.

*Estribillo*

Y en el Portal de Belen.

III. NOCTVRNO

VILLANCICO VII

Que es esso? Ze, una Estrella  
 De rayos tan bella,  
 Que solo con vella  
 Tres Reyes por ella  
 En Belen estan:  
 Que serà?  
 Que serà?  
 Que a Dios humanado  
 La Estrella ha mostrado,  
 Y ufano ha guiado,  
 Por verle adorado  
 Dentro de un Portal:  
 Novedad,  
 Gran novedad.

*Coplas*

Bien se vè, Reyes dichosos,  
Que teneis muy buena Estrella,  
Pues os nace el Sol denoche,  
Para que no andeis a ciegas.  
Como a Magos os alumbra  
Celeste luz en la tierra,  
Aunque el dar con ella, creo,  
Que os hizo ver las Estrellas.  
Tratado os ha como a Reyes  
Su Persona siempre excelsa,  
Pues os baxò a recibir  
Hasta el Portal su grandeza.  
Si el piè venis a besarle,  
Hazedlo con reverencia,  
Y entonces pedid mercedes,  
Pues os dà piè para ellas.  
Si ricos dones traeis,  
Yo sè que los que èl os buelva,  
Han de ser tales, que al punto  
Dareis con ellos la buelta.  
No os embarace el hablarle  
En tan diferentes lenguas,  
Porque con una palabra  
Los pensamientos penetra.

Que es esso? Ze, una Estrella.

LAUS DEO

17. 1. 1954

1. 1. 1954  
2. 1. 1954  
3. 1. 1954  
4. 1. 1954  
5. 1. 1954  
6. 1. 1954  
7. 1. 1954  
8. 1. 1954  
9. 1. 1954  
10. 1. 1954  
11. 1. 1954  
12. 1. 1954  
13. 1. 1954  
14. 1. 1954  
15. 1. 1954  
16. 1. 1954  
17. 1. 1954  
18. 1. 1954  
19. 1. 1954  
20. 1. 1954  
21. 1. 1954  
22. 1. 1954  
23. 1. 1954  
24. 1. 1954  
25. 1. 1954  
26. 1. 1954  
27. 1. 1954  
28. 1. 1954  
29. 1. 1954  
30. 1. 1954  
31. 1. 1954  
32. 1. 1954  
33. 1. 1954  
34. 1. 1954  
35. 1. 1954  
36. 1. 1954  
37. 1. 1954  
38. 1. 1954  
39. 1. 1954  
40. 1. 1954  
41. 1. 1954  
42. 1. 1954  
43. 1. 1954  
44. 1. 1954  
45. 1. 1954  
46. 1. 1954  
47. 1. 1954  
48. 1. 1954  
49. 1. 1954  
50. 1. 1954  
51. 1. 1954  
52. 1. 1954  
53. 1. 1954  
54. 1. 1954  
55. 1. 1954  
56. 1. 1954  
57. 1. 1954  
58. 1. 1954  
59. 1. 1954  
60. 1. 1954  
61. 1. 1954  
62. 1. 1954  
63. 1. 1954  
64. 1. 1954  
65. 1. 1954  
66. 1. 1954  
67. 1. 1954  
68. 1. 1954  
69. 1. 1954  
70. 1. 1954  
71. 1. 1954  
72. 1. 1954  
73. 1. 1954  
74. 1. 1954  
75. 1. 1954  
76. 1. 1954  
77. 1. 1954  
78. 1. 1954  
79. 1. 1954  
80. 1. 1954  
81. 1. 1954  
82. 1. 1954  
83. 1. 1954  
84. 1. 1954  
85. 1. 1954  
86. 1. 1954  
87. 1. 1954  
88. 1. 1954  
89. 1. 1954  
90. 1. 1954  
91. 1. 1954  
92. 1. 1954  
93. 1. 1954  
94. 1. 1954  
95. 1. 1954  
96. 1. 1954  
97. 1. 1954  
98. 1. 1954  
99. 1. 1954  
100. 1. 1954

2544

AP. 691

Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguesa

XXIII

---

---

# OS VILHANCICOS

---

BREVE ESTUDO BIBLIOGRÁFICO-CRÍTICO DUM GÉNERO LITERÁRIO  
QUE DESAPARECEU HÁ DUZENTOS ANOS

POR

MENDES DOS REMEDIOS

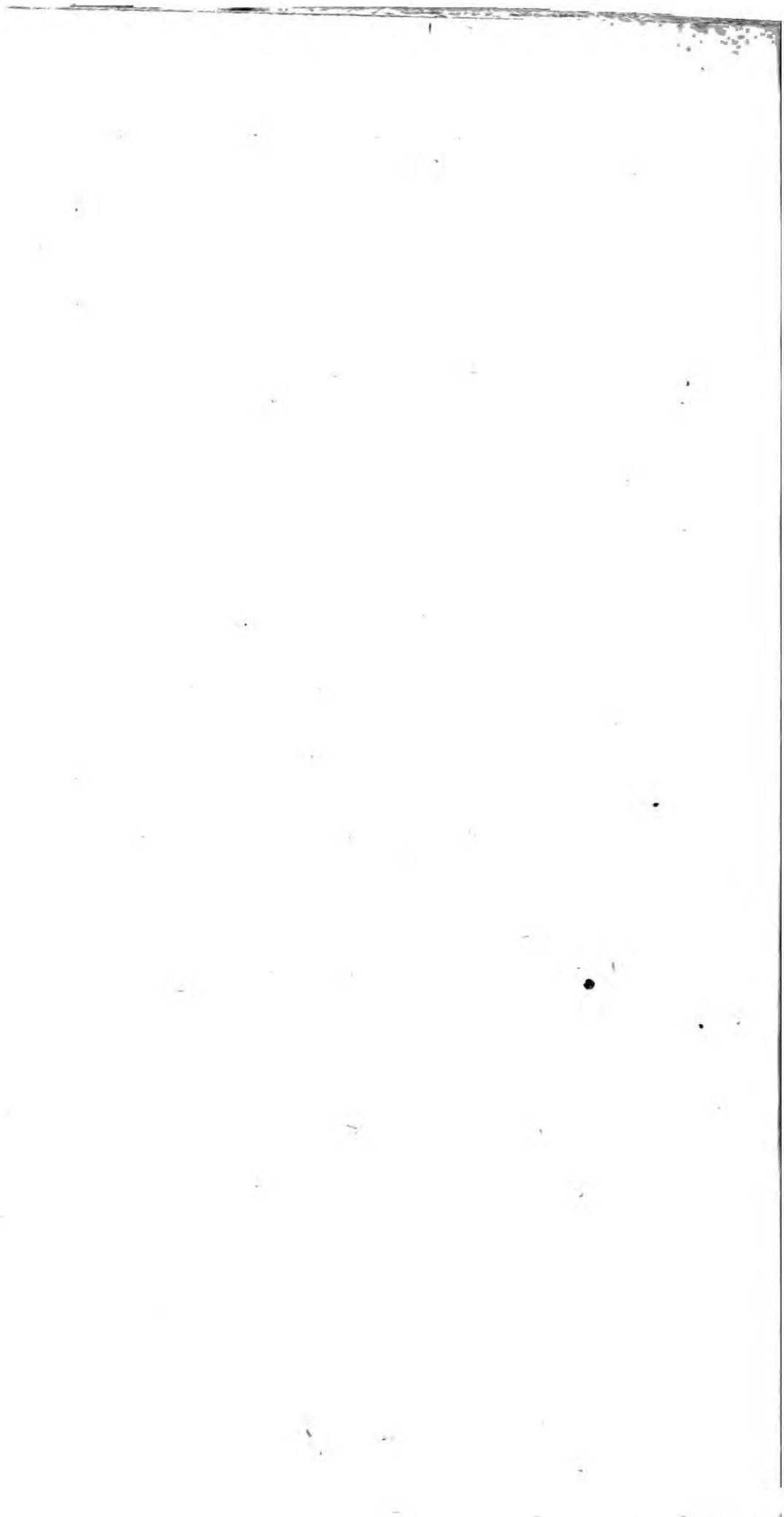


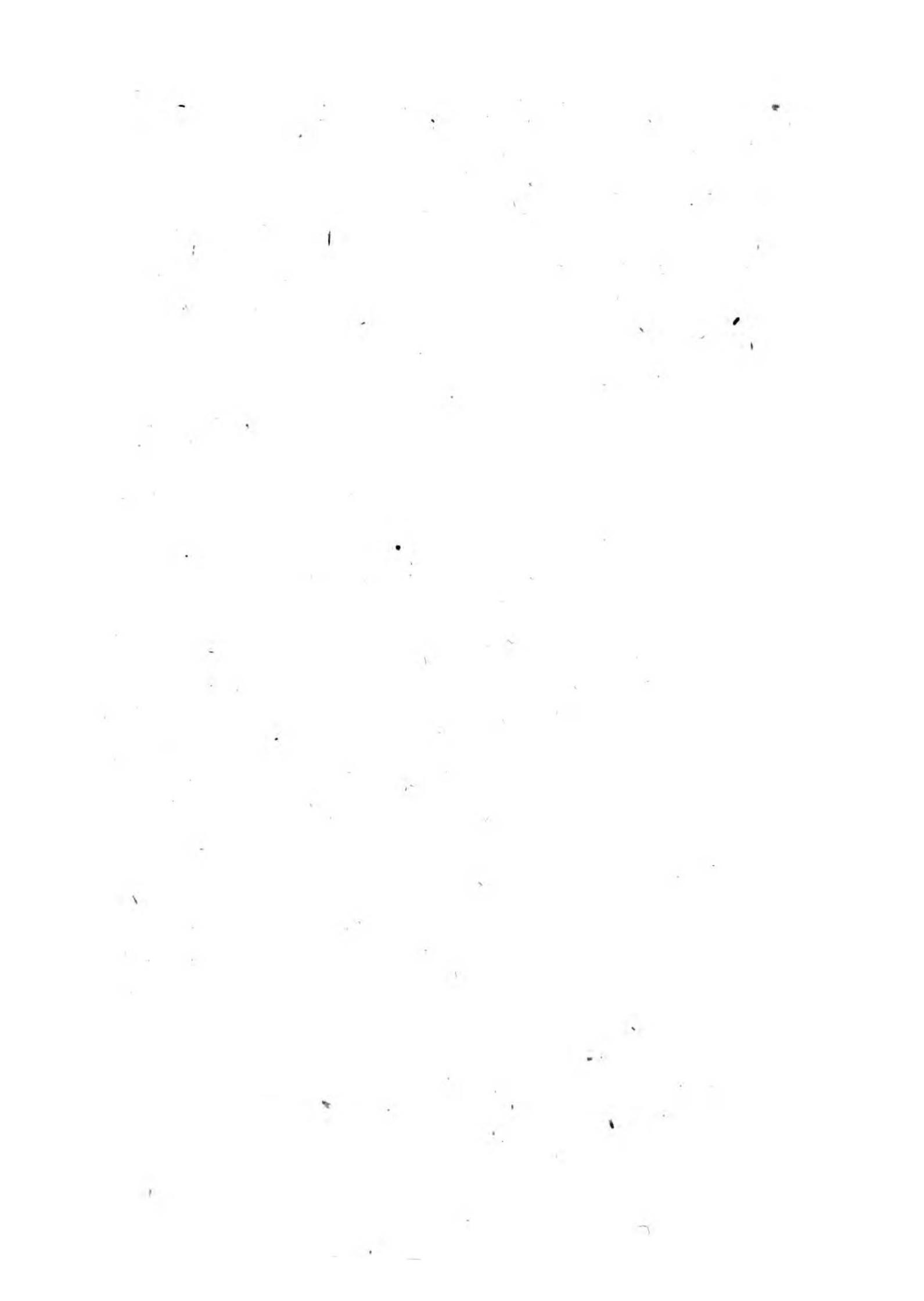
“LVMEN”

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA  
LISBOA - PORTO - COIMBRA

1923

4





## MENDES DOS REMEDIOS

- Os Judeus em Portugal*, 1 vol.  
*Os Judeus Portugueses em Amsterdam*, 1 vol.  
*Sousa Martins e a Serra da Estrela*.  
*Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V*.  
*Uma Biblia hebraica da Biblioteca da Universidade de Coimbra*.  
*Moedas romanas da Biblioteca da Universidade de Coimbra*.  
*As Horas de Nossa Senhora da B. da Universidade de Coimbra*.  
*Filomena de S. Boaventura*.  
*Carta exhortatoria aos Padres da Companhia de Jesus*.  
*Conferencias sobre os Autos de Gil Vicente: O sentimento religioso; o sentimento patriótico e o espirito da raça nos «Autos» de Gil Vicente*, 1923, 1 vol.

### SUBSIDIOS para o estudo da História da Literatura Portuguesa :

- I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manuel de Melo, 2.<sup>a</sup> ed.
- II. — Poesias inéditas de D. Tomás de Noronha, poeta satirico do século xvii.
- III. — *Lusiadas* (4.<sup>a</sup> edição anotada, para as escolas).
- IV. — Foguetário (poema heroi-cómico), de Pedro de Azevedo Tojal.
- V. — Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança (ópera jocosa), de Antonio José da Silva.
- VI. — Guerras do Alecrim e Mangerona (ópera jocosaria), de Antonio José da Silva.
- VII. — Sentenças de D. Francisco de Portugal, 1.<sup>o</sup> Conde de Vimioso, seguidas das suas poesias, publicadas no «Cancioneiro de Garcia de Rezende».
- VIII a X. — Consolaçam às Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque, 3 vols.
- XI, XV e XVII. — Obras de Gil Vicente, (completas), 3 vols.
- XII. — Memórias de José da Cunha.
- XIII. — Crónica do Infante Santo D. Fernando.
- XIV. — Crónica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira.
- XVI. — Escritoras doutros tempos.
- XVIII. — A Castro, de António Ferreira.
- XIX. — Miscellanea, de Garcia de Rezende.
- XX. — A Castro, de Domingos dos Reis Quita.
- XXI. — Obras de Fr. Agostinho da Cruz.
- XXII. — Camões — Egloga dos «Faunos».
- XXIII. — *Os Vilhancicos*, breve estudo bibliográfico-crítico dum género literário que desapareceu há duzentos anos.

### No PRÉLO :

- Lusiadas*, 4.<sup>a</sup> ed., conforme a ed. fac-similada da Biblioteca Nacional de Lisboa e o texto da ed. do Dr. Gonçalves Guimarães. Ed. escolar.







